

Os imponderáveis da experiência migratória

"... uma pessoa está em constante movimento: ela não só atravessa um processo, ela é um processo" (Elias, 1994, p. 129).

No Rio de Janeiro é construção, você tá mudando. Juan.

Para grande maioria dos estudantes, será no Brasil a primeira vez que ficarão distantes de sua família. Num país onde a família tem um lugar central nas relações sociais, como no Peru, estar longe dela pode produzir um sentimento ambíguo, de mais liberdade e poder de decisão, mas também de solidão e desenraizamento. Distantes dos tradicionais almoços de domingo, das celebrações de aniversários e das rotineiras festas familiares, a vida no Brasil pode ser percebida em alguns momentos como sacrificante e penosa, mas também como mais independente e autônoma. Não por um acaso, Rubén se lembra dos frequentes encontros com seus amigos peruanos assim que chegou ao Rio de Janeiro. Todos, recém-chegados e com saudades do Peru, se reuniam para tocar música peruana, beber cachaça e chorar a tristeza de estar longe do Peru¹. A sensação de sofrimento é reforçada quando, além da distância do Peru, os estudantes ainda enfrentam dificuldades econômicas. A soma desses fatores provoca uma profunda reflexão sobre se realmente valeu a pena ter vindo para o Brasil.

Na base que estrutura tal reflexão está o fato da iniciativa de estudar no Brasil envolver muito mais que a expectativa de adquirir um diploma que se destaque no mercado de trabalho peruano. Para os estudantes, estudar no Brasil é uma estratégia para distinguir-se numa sociedade como a peruana, marcada por hierarquias- racial, social e econômica-, onde a experiência internacional é amplamente valorizada. Como vimos no capítulo três, sair do país sempre foi um hábito entre os membros da elite, que tinham na experiência internacional uma maneira de renovar seu prestígio e seu status perante as outras classes. Com as diversas possibilidades de se deslocar internacionalmente que a globalização oferece, outros atores, que não apenas as elites, também podem se apropriar desta estratégia visando acessar prestígio e reconhecimento. Sem ter os mesmos recursos econômicos e relacionais das elites para estudar num país

¹ Como mencionamos no capítulo 2.

potência no capitalismo global, o jovens que participam dessa pesquisa decidem vir para o Brasil.

Como estudantes, os jovens peruanos chegam ao Rio de Janeiro com uma complexa gama de dúvidas: como vai ser ficar longe do Peru?; como conviver com o/as brasileiro/as?; como será a vida no “país tropical” e na cidade da “praia, futebol e carnaval”?; como um diploma brasileiro repercutirá na carreira?; que oportunidades ele abrirá? As expectativas são muitas e não se limitam ao campo da educação e da formação acadêmica. Elas englobam aspectos mais amplos da vida cotidiana de um jovem num país estrangeiro. Nenhuma expectativa, entretanto, consegue abarcar a total dimensão do que é viver uma experiência migratória.

Ainda que os estudantes tenham sua condição legal no Brasil associada ao prazo de duração do curso que fará- ou seja, para o Estado brasileiro o estudante estrangeiro é aquele que porta o visto temporário IV-, a experiência migratória vivida por estes jovens ultrapassa os limites legais e deixa marcas indelévels nos estudantes, mesmo depois de concluírem seus cursos. E é com esta expectativa que os jovens chegam no Rio de Janeiro: todos esperam que esta experiência marquem suas vidas para sempre. Todos têm a expectativa de que com um diploma brasileiro eles recebam um reconhecimento a mais na sua trajetória profissional, e que, portanto, a experiência de estudar no Brasil não caia no esquecimento- dele e dos outros.

Como Juan analisa na frase que abre este capítulo, a experiência dos estudantes peruanos no Rio de Janeiro é marcada pela construção, uma mudança que todos os indivíduos que saem do país viveriam. Juan faz questão de reforçar que viver no Brasil é a chance que os peruanos têm de escapar das amarras que a cultura peruana impõe, principalmente aos jovens². Ele explica que é no exterior que os jovens, que têm como principal característica a curiosidade, vão poder experimentar novas experiências longe da ação repressora da conservadora sociedade peruana. Ele avalia que estudar no exterior é a desculpa que muitos jovens, principalmente as mulheres e os homossexuais, dão para sair do país sem que sua família reclame sua presença. E é justamente a liberdade que encontram no Rio de Janeiro que impulsiona a transformação dos peruanos que deixam o país. O que Juan quer esclarecer é que, na sua opinião, os jovens peruanos que estudam no exterior tem outros motivos para tomar essa decisão que não se limitam a questões educacionais ou econômicas.

² Ver capítulo 4.

Nem todos os estudantes compartilham da mesma opinião que Juan. Muitos não interpretam seu deslocamento como uma tentativa de fugir de uma opressão da sociedade peruana. Para alguns deles, estudar no exterior é uma oportunidade de ter acesso a um nível de conhecimento numa área ainda não desenvolvida no Peru. Outros nem queriam sair do país: eles só assim fizeram porque se decepcionaram com o trabalho que tinham ou reconheceram uma exigência do mercado de trabalho peruano por mais qualificação. Estes últimos, impossibilitados de conciliar o trabalho, a pós-graduação e ainda com dificuldades de pagar os altos custos da pós-graduação no Peru, consideraram proveitoso vir para o Brasil. Para outros ainda, o mais importante é *viver* no exterior: ter contato com a alteridade, com outros modos de viver e pensar.

Seja por curiosidade, pelo desejo de aventura, seja por insatisfação com a sociedade, cultura ou o mercado de trabalho, o que há em comum entre os estudantes é que todos esperam que esperam que a experiência de viver no Brasil marque sua vida para sempre. Ao longo desse processo, os estudantes encontram a oportunidade de avaliar seus projetos, refletindo sobre a sociedade de origem e a receptora. E muitos percebem que passam por um conjunto de transformações que influencia seu modo de pensar, de ver seu país de origem, o mundo e a si mesmos. A interpretação dos estudantes sobre as transformações que percebem em si mesmos como indivíduos em deslocamento será o tema discutido neste capítulo.

6.1 **Identidades em jogo**

6.1.1 **Dança, música e comida: a *peruanidad* em (re)construção**

No dia 24 de julho de 2011, estive presente pela primeira vez num evento público da comunidade peruana no Rio de Janeiro. Eu considero esta data como um marco na minha relação com o meu campo de pesquisa. Foi nela que conheci alguns dos peruanos que se tornaram os principais atores desta pesquisa e também, tive minha primeira aproximação com a maneira como os peruanos constroem um sentimento de pertencimento nacional no contexto migratório. Nesta data, aconteceu a festa em comemoração ao *Día de la Patria*, que oficialmente é o dia 28 de julho, data em que o Peru conquistou sua Independência.

Naquela ocasião, tive contato com três elementos fundamentais que fazem com que os peruanos no Rio de Janeiro se sintam parte de uma mesma comunidade de origem: a dança, a música e a comida. Os estudantes reconhecem que a sociedade peruana tem como uma de suas características uma profunda segregação, baseada numa combinação de raça, classe, etnia e região de origem. No Rio de Janeiro, as clivagens entre os peruanos não desaparecem, porém não são reproduzidas de maneira automática ou irrefletida. No contexto migratório, elas passam por um processo de ressignificação que abre um espaço para sua relativização, em alguns momentos, e seu reforço, em outros.

A celebração da Independência é um desses momentos em que peruanos de diferentes classes e regiões se encontram sob a insígnia de uma pátria em comum, que os unem em suas diferenças- ainda que momentaneamente. Todos os anos, uma família de imigrantes organiza uma festa para celebrar a Independência do Peru. Entre o seu público estão peruanos, imigrantes e também estudantes, brasileiros e estrangeiros relacionados com peruanos. Nas festas, a presença dos estudantes é assídua, expressiva e entusiasmada.

Uma vez que a comida mobiliza os mais profundos sentimentos de saudade do Peru, os eventos públicos em que são vendidos pratos do país são os que mais mobilizam os peruanos de diferentes grupos de afinidades. A festa do dia da Independência é um deles. No Rio de Janeiro, a culinária peruana é uma importante esfera de interação: é através dela que os peruanos de diferentes perfis se aproximam e assim, percebem que todos eles têm na comida um importante componente de sua identidade. Esta interação através da comida se estabelece em oposição a comida de outros grupos nacionais. Primeiramente, a comida peruana serve como referência para analisar a comida brasileira que, como discuti no capítulo 5, é considerada repetitiva e menos saborosa que a peruana.

A música e a dança peruanas também são dois elementos importantes na construção de uma identidade peruana entre os estudantes no Rio de Janeiro. Muitos deles não apreciavam ou não tinham o hábito de escutar e dançar ritmos tradicionais peruanos quando viviam no Peru. E será na distância de seu país e na sua vivência no Brasil que desenvolverão o gosto e o prazer pela música e a dança peruanas. Virgilio se lembra que começou a escutar música afroperuana e *criolla* quando criança. Ele gostava muito dos ritmos, mas era um dos poucos da sua geração que se interessava por eles. Entre seus colegas de escola e de bairro, o ritmo mais escutado era o *rock*. Virgilio se

surpreendeu quando chegou no Rio e encontrou peruanos que também apreciavam os ritmos tradicionais do país: *por incrível que parece, os peruanos aqui ouvem mais música criolla do que no Peru!*, completa. Quando saiu do Peru, Virgilio se lembra que a música afroperuana e *criolla* estava praticamente esquecida. Apenas duas rádios ainda tocavam esses estilos musicais, mas apenas em certos horários, como a hora do almoço.

Na contramão dos jovens da sua época, Virgilio desenvolveu o gosto pela música *criolla* e aprendeu a tocar *cajón*. Mas, foi apenas no Rio de Janeiro que ele conseguiu encontrar parceiros que o acompanhassem no ritmo. Um dos seus primeiros parceiros foi Alejandro, que toca violão profissionalmente. Assim como Virgilio, Alejandro sempre teve dificuldades em encontrar parceiros para tocar o ritmo peruano que tanto aprecia. A parceria de Virgilio e Alejandro durou por muitos anos, até que Alejandro voltou para o Peru, onde se tornou parte da banda de Susana Baca³. Virgilio continuou no Rio de Janeiro e em 2002 fez parte da criação do Grupo Negro Mendes⁴.

O Grupo Negro Mendes tem entre seus seguidores assíduos muitos estudantes que valorizam os estilos musicais da costa peruana. Eles reconhecem que estes ritmos ocupam um lugar de coadjuvante no cenário musical peruano e muitos deles se sentem privilegiados em ter um grupo de músicos profissionais no Rio de Janeiro que toca tais estilos. Os estudantes se sentem profundamente prestigiados quando o público brasileiro e estrangeiro de outras nacionalidades frequenta os shows e dança ao som do grupo. Muitos estudantes, no entanto, preferem outros ritmos latinos que não especificamente peruanos, como a salsa e o merengue.

É interessante notar que para muitos peruanos é no Rio de Janeiro que eles têm seu primeiro contato com alguns estilos de música e dança peruanas. Diante do restrito espaço que alguns ritmos tradicionais peruanos têm dentro do próprio país, muitos estudantes nunca tiveram acesso a determinados ritmos ou nunca se interessaram por eles. No Rio de Janeiro, a valorização dos ritmos e danças especificamente peruanos ganhará uma dimensão mais profunda de reforçar o sentimento de que os peruanos têm uma cultura particular e específica, diferente da brasileira e também da de outros grupos latino-americanos. Este é o sentimento construído cotidianamente pelo grupo *Sayari Danzas Peruanas*, por exemplo.

Em determinados momentos, não são apenas as músicas e danças peruanas que se tornam elementos centrais na construção de um sentimento de pertencer a uma cultura

³ Artista afroperuana que difundiu a música afroperuana no exterior.

⁴ Ver capítulo 2, subitem 2.3.1.

diferente da brasileira. Em diversos casos, se sentir peruano no Brasil está associado ao se sentir *latino*⁵, em oposição ao ser brasileiro. No campo da música e da dança, esta relação se dá através de dois importantes ritmos latinos: os já mencionados salsa e merengue. Alguns estudantes, quando estavam no Peru não costumavam ouvir nenhum ritmo latino-americano. No Brasil, eles começaram a se envolver com outros peruanos e *latinos*, percebendo que tinham uma relação afetiva com estes ritmos. Mais do que uma música para dançar, estes ritmos remetem à infância, a momentos alegres passados em família⁶.

Neste caso está Daniel. Enrique, amigo de Daniel desde que chegaram em 1996, conta que o amigo não escutava nada de salsa, merengue, cumbia ou qualquer outro ritmo latino-americano. Daniel não gostava desses ritmos e preferia escutar *rock*, assim como os colegas de escola de Virgilio. A rádio que ele mais escutava no Peru era uma que tinha como slogan ‘*puro rock, nada de salsa*’. No entanto, no Brasil, “*Daniel virou um verdadeiro salsero*⁷”, analisa Enrique. Ele é frequentador assíduo da *Noches de Sol*⁸, para onde sempre vai acompanhado de seus amigos peruanos. Seu grupo de amigos não costuma dançar muito, mas em todas as festas eles sempre arriscam alguns passos.

6.1.2

Se posicionando no mapa dos brasileiros

Certa vez, Vania foi a um jantar onde conheceu três moças brasileiras. As quatro começaram a conversar com entusiasmo, até que as brasileiras, percebendo seu suave sotaque, perguntaram de onde era Vania. Ela respondeu que era do Peru e começou a falar como era seu país. Vania e as brasileiras passaram muito tempo conversando, e a estudante fez questão de falar sobre o Peru boa parte das três horas de conversa. No final da noite, Vania estava se despedindo, quando uma das moças comentou:

-Gostei muito de conversar com você! Você é de onde mesmo? Do México?

Vania ficou muito chateada com a moça. Ela sentiu que as três horas de conversa com as brasileiras não foram suficientes para que elas percebessem que cada país latino-americano tem suas especificidades e, portanto, seria pelo menos uma indelicadeza

⁵ Categoria nativa para se referir aos hispano-americanos.

⁶ Ver capítulo 4.

⁷ Pessoa que gosta muito de salsa.

⁸ Ver capítulo 2, subitem 2.3.3.

confundir uma peruana com uma mexicana. Vania terminou sua noite irritada com o ocorrido:

- Puxa, fiquei três horas conversando com elas! Me irrita muito isso, porque os brasileiros acham que é *tudo igual*⁹: incas, astecas...

Para Vania, o problema não era ter sido confundida como mexicana. Para ela, esta aparente confusão na verdade demonstra, primeiramente, a falta de conhecimento dos brasileiros sobre as especificidades dos países latino-americanos e, segundo, um desinteresse em reconhecer tal deficiência. Quando Vania contou este episódio, nós estávamos na presença Lorenzo. Ele concordou com a amiga por ela ter se chateado ao ser chamada de ‘mexicana’, depois de tantas horas explicando que era ‘peruana’. Ele disse que também fica muito chateado quando percebe que os brasileiros acham que todos os países hispanofalantes e seus cidadãos são iguais.

Assim como Vania e Lorenzo analisam o comportamento dos brasileiros, uma peruana que cursa o doutorado na UFRJ percebe um desinteresse em reconhecer as especificidades dos diferentes países latino-americanos por parte de sua orientadora, que, desde o mestrado, já a confundiu como chilena por diversas vezes. A peruana observa que sua orientadora tem muitos contatos internacionais, principalmente na Europa, para onde sempre viaja. No entanto, ela não tem nenhum interesse pelos países vizinhos: para ela, é como se esses países não existissem no seu mapa. Por isso, a orientadora confunde a nacionalidade de sua orientanda, não se dando conta do grave equívoco que significa chamar uma peruana de chilena¹⁰.

⁹ No dia 20 de novembro de 2011, foi realizado um show na praia de Icaraí, na cidade de Niterói, em comemoração ao Dia da Consciência Negra, com a presença do cantor brasileiro Nilton Nascimento e da cantora afroperuana Susana Baca. Na praia, se aglomerou uma multidão, a maioria de brasileiros, interessados em assistir o show do Milton. A Susana foi a primeira a entrar no palco. Durante sua apresentação, muitos brasileiros reclamavam que não queriam vê-la e aclamavam pelo término do seu show. Entre os que reclamava estava um grupo de senhoras, localizadas bem próximas ao palco, ao lado de Caroline e sua filha. Caroline é filha de peruano. Durante o show, as senhoras falam em alto tom: “Essa paraguaia não vai embora!”. A filha de Caroline, neta de um peruano, ficou revoltada. A adolescente se voltou para as senhoras e respondeu: “Ela não é paraguaia não! Ela é peruana! E eu também sou peruana”. Uma das senhoras disse à adolescente: “Ah... paraguaia e peruana é tudo igual. Tudo fica na América Central!”. A filha de Caroline contou este episódio para os amigos peruanos de sua mãe. Eles ficaram surpresos com a reação da menina, em exigir que as senhoras não reclamasses do show da Susana Baca. Alguns deles falaram que se estivesse no lugar da menina não teria coragem de repreender aquelas senhoras. Eles também se surpreenderam com o total equívoco da senhora sobre a geografia latino-americana e pelo descaso ao dizer que um peruano e um paraguaio são iguais.

¹⁰ No final do século XIX, Peru e Chile travaram a chamada Guerra do Pacífico, que gerou grandes ressentimentos entre ambos países que ainda hoje disputam judicialmente na corte de Haya suas fronteiras marítimas.

Para Douglas, a falta de interesse dos cariocas pelo Peru pode ser escamoteada pela gentileza que caracteriza sua forma de tratar o estrangeiro:

... do jeito que me falavam: “ah, você é peruano? Legal, né” (...), eu comecei a perceber que é mais uma questão assim, de gentileza.. (...)Mas, eu acho que o Brasil, o brasileiros, o carioca mesmo, ele sempre tenta ser gentil. Ele nunca é grosso... (...) Mesmo que ele não esteja interessado em teu país. De uma forma bem, natural pra ele, vai ser desse jeito, gentil.. Mas não necessariamente significa que ele é fã do teu país. Douglas.

Os peruanos que, assim como Douglas, chegaram ao Rio de Janeiro como estudantes comentam que a maioria dos brasileiros que conheceram ao longo dos anos estão entre não saber nada sobre o Peru ou ter uma ideia superficial do país. Os primeiros nem têm a noção de que o Peru é um país vizinho do Brasil, que tem como língua oficial o espanhol: nos anos que vive no Rio, Enrique já se viu questionado por brasileiros no meio universitário sobre qual idioma se fala no Peru. Entre os segundos estão os brasileiros que já visitaram o Peru e por isso, têm uma visão do Peru turístico: de Machu Picchu, da comida, das ondas ideais para o surfe. Há ainda aqueles que têm uma ideia do Peru, apesar de nunca terem estado lá. Entre estes predominam imagens superficiais e folclóricas do Peru como um país completamente indígena, dos Incas e que hoje é habitado por uma população assolada por uma profunda pobreza. Estes estereótipos sobre o Peru incomodam os peruanos- principalmente a dimensão racial do estereótipo-, que ressaltam o caráter multifacetado e heterogêneo da população peruana e o crescente desenvolvimento econômico do país.

Como vimos no capítulo 3, a ideia dos brasileiros de que todos os peruanos são *índios* provoca um desconforto nos estudantes devido à conotação pejorativa que o termo recebe no Peru. Muitos deles não se viam como *índio* no Peru, porque, mesmo aqueles que possuem traços indígenas, são oriundos de camadas populares, do interior do país ou filhos de migrantes, encontraram no Ensino Superior uma chance de ascender socialmente e assim ter acesso a um conjunto de redes restritas às classes médias. Para eles, saber que os brasileiros os veem como *índios* gera um profundo incômodo, já que a palavra no Peru remete a uma posição de inferioridade na escala social, que eles consideravam já superadas por sua elevada escolaridade¹¹.

Tomás explica que, como os brasileiros não sabem como a questão racial no Peru é um assunto delicado, eles usam o termo *índio* indiscriminadamente para se referir aos

¹¹ Ver discussão sobre os significados da raça para a sociedade peruana no capítulo 3.

peruanos. Mesmo sem a intenção de ofender, estes brasileiros deixam os peruanos constrangidos, uma vez que o uso deste termo no Brasil ativa a memória do significado que a categoria tem no Peru.

Luis Fernando esclarece que, no Peru, ser classificado como *índio* se fundamenta numa escala composta por uma complexa gama de critérios, que inclui aspecto físico, local de origem, profissão, nível de escolaridade, entre outros¹². Apesar de complexo, os peruanos manejam cotidianamente estes critérios com muita habilidade. Eles descobrem que alguns aspectos físicos considerados negativos no Peru por se aproximar da representação dominante de *índio* no Brasil são avaliados positivamente no Brasil, como o cabelo liso:

Camila : E as pessoas compartilham desse código? Elas conseguem identificar quem é mais ou menos índio?

Luis Fernando: Claro! Isso, todo mundo sabe! Por exemplo, assim: Eu. Eu tenho 1,80cm: já tenho um ponto a meu favor, porque eu sou alto. Já o Enrique é baixinho. Eu tenho a pele um pouquinho mais clara- (...) a pessoa que tem ascendentes dos Andes é um pouquinho mais escura: é um marrom, (...) é um outro tom! Eu tenho cabelo preto; ele também tem cabelo preto, tá. Mas o meu tem um pouquinho de ondas. O dele é mais assim (liso). Então, ele tá perdendo pra mim!

Camila- E no Brasil, cabelo liso é o máximo!

Luis Fernando: Mas, Cabelo liso é de índio! Agora, da cidade de onde você veio, se for dos Andes, perdeu! Eu sou do litoral: ganhei! Se for de Lima, melhor ainda! Eu sou do sul: “ah, pode ser”. Se eu sou do norte: “ah, pode ser”.

Os estudantes peruanos não são os únicos que descobrem os limites do mapa imaginário que os brasileiros constroem como forma de compreender o mundo. Os estudantes moçambicanos, por exemplo, reclamam que os brasileiros se referem à África como se fosse um só país. E quando são alertados pelos moçambicanos que a África é um continente composto por muitos países, cada um deles muito diferente do outro, os brasileiros respondem: “*é tudo a mesma coisa lá na África*” (Subuhana, 2005, p. 105). Descuidadamente, os brasileiros ainda chamam os moçambicanos de “*angolanos*”, ignorando as diferenças entre os dois países. Um dos informantes de Subuhana responde aos brasileiros que chamam-no de *angolano* que, se moçambicano e angolano é tudo igual, então, brasileiro e argentino também o são (p. 108). Os brasileiros ficam desconcertados diante desta afirmação, acionada pelo moçambicano

¹² Assunto que discutimos no capítulo 3.

numa tentativa de sensibilizá-los para as particularidades de cada país e para o incômodo gerado no indivíduo que tem sua nacionalidade confundida.

A desinformação ou desinteresse dos brasileiros em reconhecer as especificidades dos diferentes países de onde os estudantes estrangeiros são oriundos incomoda tantos os estudantes moçambicanos (Subuhana, 2005; 2006) como os peruanos. Uma parte expressiva dos estudantes peruanos reclama que os brasileiros sabem pouco- ou nada- sobre o Peru e que consideram todos os países latino-americanos iguais. O descontentamento dos peruanos com os brasileiros não se deve apenas pelos últimos não conhecerem o Peru, mas também pela expectativa que os estudantes tinham sobre os brasileiros. Os estudantes esperavam que os brasileiros, principalmente seus colegas de universidade, fossem mais bem informados sobre o continente americano do que demonstram no dia a dia. A decepção reside no fato do Brasil, país que se destaca no cenário latino-americano na produção acadêmica, ter uma camada intelectualizada incapaz de reconhecer as especificidades dos países vizinhos.

6.1.3

Os custos emocionais da experiência migratória

Para os estudantes que prolongaram sua estadia no Rio de Janeiro, os anos fora do Peru deixaram marcas tão profundas a ponto de transformar a maneira como se sentem em relação ao país de origem e o de destino. Quando saíram do Peru, o Rio de Janeiro era uma cidade estranha, onde não compreendiam as formas de interação dos que aqui viviam. Os estudantes que depois de formados estabeleceram residência no Rio de Janeiro se lembram que foi um grande choque sair do Peru, principalmente para os que percorreram esse trajeto logo depois de sair do Ensino Secundário. Eles chegaram no Rio de Janeiro com idade entre 16 e 23 anos, e esta foi a primeira vez que ficaram um longo período longe de seus pais, assumindo as responsabilidades com a vida cotidiana.

Lembrando dos seus primeiros anos no Brasil, Gladys se lembra que sentia muita dificuldade de compreender a maneira como os brasileiros se comportavam, por isso levou muitos anos até se sentir adaptada ao Brasil. O fato dela ter vindo para o Brasil impulsionada pelo desejo antigo de sair do país não evitou que o processo de deslocamento fosse vivido como uma experiência difícil e dolorosa. Quando perguntei se ela achava que havia diferença entre homens e mulher sair do Peru, ela respondeu que a maior diferença não é a de gênero, mas de idade:

Gladys: É muito diferente vir depois do colégio e você vir depois da faculdade.. É bem diferente...

Camila: O que tem de diferente?

Gladys- .a gente nunca deixou a casa. Entendeu? A maioria, por exemplo, quando você está na faculdade, você continua morando com os pais, mas você tem sua independência: você dorme fora, você viaja... Quando você tá no colégio, você não faz isso! ...você depende pra tudo dos teus pais. E aí de repente você vem e tem que se virar sozinho pra tudo! Entendeu? De repente, (...) você com 17 anos, fica doente, não tem ninguém que cuida de você...(.) Enquanto você em casa, sua mãe...

Não ter os pais por perto para dar apoio em momentos difíceis, como nos casos de doença e ainda estar longe do país onde cresceu foi, para Gladys, uma realidade difícil para se adaptar a ponto de se sentir à vontade no Brasil. Mesmo depois de muitos anos no país, Gladys sempre teve a sensação de que não entendia os brasileiros. A sensação de não se sentir integrada à sociedade brasileira se agravou nos anos em que esteve casada com um brasileiro. No casamento, ela sentia que nem o marido, nem a família dele eram capaz de entender suas carências e necessidades. Oscar compartilha da opinião que para um jovem recém-egresso do Ensino Secundário, a experiência de morar sozinho em outro país é um fenômeno radical que provoca nele um profundo desgaste emocional:

...é um custo muito alto emocionalmente. Eu tinha 18 anos. Não tinha um pai pra decidir... uma decisão profissional, pessoal... Nas minhas dores de amor, não tive uma mãe, um pai pra ter um colo, assim, pra chorar. Então, isso é duro! É duro! Não é fácil! Talvez seja uma das coisas mais duras de quem viaja, de quem migra, de ser imigrante...
Oscar

Tanto Gladys como Oscar percebem que uma das grandes dificuldades de sair do Peru tão jovem é ficar longe da família e não ter o apoio dos pais em momentos importantes de suas vidas, como no caso de doença, dores emocionais ou quando tiveram que tomar decisões significativas. É interessante notar na fala de Oscar é que ela aproxima a dificuldade emocional vivida por dos estudantes no exterior a de outras pessoas que se deslocam para fora do país, como viajantes e imigrantes. Para o peruano, todos os indivíduos que deixam seu país por outro estão sujeitos a sentir a dor de estar num país estrangeiro, longe da família.

Conversando no Peru com uma amiga de Rubén, ela comentou que sua filha também quer estudar no Brasil, mas ela achou prematuro que sua filha, seguindo os passos de Rubén, fizesse o curso de graduação no Brasil. Ela analisa que para um jovem

que sai do país tão jovem como Rubén saiu, é muito difícil ter que fazer tudo sozinho. A amiga percebe que foi a solidão que levou Rubén a se casar- precipitadamente, na sua avaliação-, com uma brasileira, que, anos mais tarde, culminou com a separação. Sua filha quer estudar fora do Peru para fazer a pós-graduação. Sua mãe reflete que será difícil para ela deixar sua filha caçula partir, mas compreende que depois da graduação, sua filha terá mais maturidade para viver sozinha e tomar suas próprias decisões.

Mourão (2011), revisitando seus trabalhos anteriores sobre estudantes de graduação cabo-verdianos e guineenses e ex-estudantes retornados para os dois países, discute como o trânsito provocado pela migração por estudo, é dotado de uma dimensão simbólica e emocional. Analisando a dimensão subjetiva dos deslocamentos, Mourão mostra que a saudade é um sentimento que para os guineenses e cabo-verdianos fundamenta a (re)construção de sua identidade no Brasil e a solidão impulsiona a formação de redes de solidariedade entre eles. A autora nos traz como grande contribuição uma reflexão sobre como a mobilidade estudantil está submersa numa dimensão subjetiva, mediada pelas emoções. Estas emoções não são naturais, mas construídas socialmente. Elas ocupam um lugar de suma importância no processo de deslocamento, desde o momento que os projetos migratórios começam a ser gestados, ainda no país de origem, até o momento de retorno. Os sentimentos, como a solidão, o estranhamento e a saudade acompanham os estudantes e podem, até mesmo, levá-los a desistir de continuar no Brasil, como aconteceu com duas estudantes cabo-verdianas.

6.1.4

Você sempre vai ser uma estrangeira(o) aqui

Os estudantes compartilham da percepção de que os peruanos, em geral, são pessoas fechadas e reservadas, principalmente quando estão entre desconhecidos. Quando comparam com os cariocas, os estudantes analisam os peruanos como pessoas que falam menos, falam mais baixo, são mais tímidos e discretos. Por isso, eles acreditam que muitos peruanos encontram dificuldade para compreender e se adaptar à cultura carioca. Rubén reflete que os peruanos que interagem com os cariocas, aprendem português e são mais comunicativos conseguem ter uma relação próxima com os brasileiros. Renato concorda com o amigo e reforça que quanto mais aberto aos brasileiros, quanto mais domínio de português o peruano tiver, menos os brasileiros

perceberão que ele é um estrangeiro. À pergunta: “*você se sente um estrangeiro?*”, Rúben e Renato responderam:

Rúben: Depende... depende.. Digo que depende do seu nível...

Renato: de sociabilidade...

Rúben: de aclimatação ou de alienação (...) à cultura: quanto mais brasileiro pareça, mais brasileiro vão te tratar. No meu trabalho, por exemplo, como eu sou um peruano um pouco mais comunicativo com os outros, (...) consigo me relacionar assim mais tranquilamente com os outros brasileiros. Vejo que o tratamento é diferente, por exemplo, com os outros peruanos que também trabalham na empresa, mas que são um pouco diferentes: que não falam muito, são mais tímidos, mais calados...

Renato: Sim.. as gírias... quando começam a se comunicar como eles (brasileiros), já não se dão conta que é um estrangeiro¹³.

Rúben e Renato esclarecem que o domínio do Português, incluindo o uso de gírias, tem um papel fundamental no processo de adaptação dos peruanos à sociedade local, permitindo que eles pareçam o mais brasileiro possível. E como analisa Rúben, quanto mais brasileiro o peruano parecer, mais brasileiro ele será tratado. Consequentemente, menos estrangeiro ele se sentirá. Ao longo dos mais de 20 anos que mora no Brasil, Oscar sempre se esforçou para falar Português corretamente. Ele acredita que o sotaque é uma marca que, como um estigma¹⁴, distingue os estrangeiros dos brasileiros. Nessa distinção, o estrangeiro sempre recebe um tratamento diferenciado- melhor ou pior- de um brasileiro. Para evitar que isso acontecesse com ele, Oscar percebeu que precisaria parecer brasileiro, e, para isso, falar Português fluentemente e com pouco sotaque era fundamental. Oscar chegou a fazer tratamento fonoaudiológico para suavizar o sotaque e não ser denunciado como estrangeiro pela sua forma de falar.

¹³ Rúben: Depende... depende.. Digo que depende de tu nivel...

Renato: de sociabilidad...

Rúben: de aclimatación o de alienación (...) a la cultura: cuanto más brasileño parezca, más brasileño te van a tratar. En mi trabajo, por ejemplo, como yo soy un peruano un poco más comunicativo con los otros, y (...) consigo relacionarme así más tranquilamente con los otros brasileños. Veo que el trato es diferente, por ejemplo, a otros peruanos que también trabajan en la empresa, pero que son un poco diferente: que no hablan mucho, son más tímidos, mas callados...

Renato: Si.. las jergas.. Las gírias... cuando empiezas a comunicarse como ellos, ya no se dan cuenta que eres un extranjero.

¹⁴ Sobre estigma como forma de distinguir e classificar os indivíduos, ver Goffman (1988).

Assim como Oscar, os demais estudantes peruanos também percebem no seu cotidiano as implicações de ser um estrangeiro no Brasil. Tendo como característica não fazer parte do grupo atualmente onde está, o estrangeiro é considerado um estranho (Simmel, 2005). No contexto do Estado-nação, ele tem sua definição contraposta à nacionalidade, que exclui os estrangeiros dos direitos da cidadania. A oposição entre nacionais e estrangeiros não é natural, mas naturalizada; arbitrária e convencional, ela se pretende irrevogável ao ser deshistoricizada no seio do Estado (Sayad, 1998; 1999). Tal oposição entende o nacional como aquele que segue a ordem “natural” das coisas: ele permanece no lugar onde nasceu e que lhe garante a nacionalidade. O estrangeiro, ao contrário, escapa dessa ordem lógica: ele deixou o lugar onde nasceu para viver em outro onde não possui a nacionalidade (Sayad, 1998, p. 57).

É na sua relação com o estrangeiro que o Estado revela a função diacrítica de discriminar e definir os critérios de discriminação dos nacionais e dos não-nacionais. Esta discriminação de direito se transforma em discriminações- sociais, econômicas, culturais, políticas- de fato, legitimadas pelo direito à nacionalidade e à consequente ausência- ou restrição- de direitos aos estrangeiros (Sayad, 1998, p. 58). A expressão máxima da discriminação entre os nacionais e os estrangeiros reside na constante possibilidade que o Estado tem de, baseado no princípio da soberania, expulsar do seu território os ‘não-nacionais’. Esta função diacrítica do Estado é exercida de maneira mais efetiva no Estado nacional republicano, que se pretende homogêneo em todos os planos (político, social, econômico e cultural). No caso brasileiro, no período republicano o termo “estrangeiro” se difundiu para se referir aos não-brasileiros, substituindo os termos “imigrante” ou “colono” empregados no Império. Na República, o estrangeiro se tornou o símbolo da alteridade, servindo como referência para a definição da nacionalidade brasileira então em construção. Portanto, o “nacional” era entendido como o “não-estrangeiro” (Medeiros, 2010).

Por mais que o estudante esteja integrado à sociedade brasileira, por mais fluente que seja em Português, por menos sotaque transmita, sempre existirá uma distância entre ser e parecer brasileiro. Esta distância é estabelecida pela estrangeiridade, que envolve se sentir parte do Brasil como uma comunidade nacional e, concomitantemente, ser reconhecido como tal. Como Anderson (1989) afirma, e autores como Stuart Hall (2002) reforçam, a nação não é apenas uma entidade política. Muito mais que isso, ela é “*algo que produz sentido*” (Hall, 2002). Ela é um produto da imaginação que se constrói na ideia de que é ancestral e que tem como base uma unidade territorial, linguística e

cultural (Anderson, 1989). Por isso, o binômio Estado-nação não diz respeito apenas a uma unidade jurídico-política, mas também a uma forma de imaginar-se como parte de uma comunidade, através de uma determinada cultura.

A nação é uma *comunidade*, porque, apesar de toda desigualdade que possa existir no seu interior, é sempre concebida como uma camaradagem horizontal, uma fraternidade. A nação é também *limitada*, porque é definida por fronteiras: nenhuma nação engloba toda humanidade (Anderson, 1989, p. 33). E estas fronteiras são construídas tendo como noção a proteção dos “nossos” contra os “outros”. Esse limite é definido em oposição àqueles que não fazem parte da nação- ou fazem parte de outra nação que não a nossa. Hall (2002) enfatiza que a idéia de nação está alicerçada numa unidade- uma cultura, um território, uma língua, um povo, uma história-, que justificaria a existência de uma identidade nacional.

No entanto, esta unidade esconde o fato de que toda nação é composta por diferenças culturais. Ao contrário do discurso nacional oficial, que louva a unidade em detrimento das diferenças, “*as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo do poder, de divisões e contradições internas...*” (Hall, 2002). Spivak (2009) alerta que nenhum Estado-nação conseguiu alcançar a homogeneidade cultural que tanto almejou e que, por algumas décadas, acreditou-se que ele teria. A suposição de que um Estado, uma unidade administrativa e política, corresponde a uma nação (uma cultura, uma língua e um povo) é uma fórmula falaciosa, que esconde as diferenças das sociedades que são levadas a conviver sob a mesma unidade territorial, política e administrativa.

Na sua experiência migratória, os estudantes percebem que o estrangeiro é aquele que, ainda que se sinta parte da comunidade nacional, não é sempre aceito como tal. Mesmo se reconhecendo como bem integrado à comunidade brasileira, depois de já ter sido casado com uma brasileira e ter filhos nascidos aqui, Rubén analisa que não está isento de receber um tratamento diferenciado por ser estrangeiro¹⁵. Sofia não teve dificuldades para se adaptar à sociedade brasileira e se sentir à vontade, mas se incomoda de sempre ser lembrada de que é estrangeira, mesmo já morando aqui há quase sete anos:

...de qualquer jeito, por mais que você se adapte, você não é, você nunca chegará a ser brasileira. Então você sempre vai ser uma estrangeira aqui. Isso é o difícil. Por exemplo,

¹⁵ Ver subitem 6.1.

às vezes, quando eu saio prum lugar e pergunto ou entro num táxi pra ir pra um lugar, já me perguntam: “de onde você é?” Porque eles pegam pelo sotaque. Aí que eu me sinto estrangeira. Eles conseguem perceber. Isso é um pouco difícil, porque, quando você vai pro Peru, você não sente. Você é peruana. Não tem essa coisa de ser sempre uma estranha. Sofia.

Sofia fala português fluentemente e seu sotaque é bem discreto, mas, ainda assim, ela é reconhecida com estrangeira no dia a dia da cidade. Nos momentos em que é perguntada sobre seu país de origem, Sofia é lembrada de que não é brasileira, o que, para ela, significa sempre ser uma estranha. É esta sensação que caracteriza e reproduz a distância entre “ser brasileiro” e “parecer brasileiro”. Neste contexto, “ser brasileiro” tem como conotação ter o mesmo tratamento de um brasileiro, sem ser constantemente lembrado de que é um estrangeiro. Muito provavelmente, quando um brasileiro embarca num táxi, o motorista não pergunta de onde ele é. E era esse tipo de tratamento que Sofia também gostaria de receber.

Apesar dos esforços que fez para falar Português sem sotaque, hoje Oscar não considera isso fundamental na sua relação com a sociedade brasileira. Para ele, a atitude em se assimilar foi importante para se sentir integrado e obter êxito na sua carreira profissional. No seu processo de adaptação à sociedade brasileira, Oscar optou por se afastar dos peruanos, por não se identificar com alguns deles¹⁶ e também por considerar importante conhecer o Brasil da maneira mais profunda possível. Apenas nos últimos 3 anos, Oscar começou a se envolver mais frequentemente com outros peruanos no Rio de Janeiro, participando ativamente de festas e eventos públicos. Hoje, ele preza por cultivar hábitos peruanos e não se incomoda em deixar seu sotaque florescer. Depois de tantos anos no Brasil, Oscar se considera parte do país e, por isso, se sente no direito de falar português com sotaque:

Eu me forcei a vida inteira pra falar fluentemente português... assim, o mesmo direito que o baiano tem de falar com o sotaque dele (eu também tenho).. Chegou o momento de assumir isso daí... Oscar

Agora que Oscar está estabelecido, construiu uma família e uma carreira no Brasil, ele sente que pode “*assumir o lado peruano*”:

¹⁶ Oscar, que é de Iquitos, não se sentia à vontade na companhia dos peruanos de Lima, percebendo neles uma postura de desdém em relação aos peruanos de outras regiões que não a capital. Este sentimento também contribuiu para que ele não se interessasse em conviver com peruanos no Rio de Janeiro.

Hoje em dia eu me permito ser peruano. Não porque antes eu não me permitia isso. Mas antes eu tinha primeiro que provar que eu era capaz de tudo, podia fazer tudo e não podia ter questionada a minha qualidade, a minha eficiência por ser estrangeiro. Hoje em dia eu não preciso provar pra mais ninguém! Hoje em dia, eu falo português com fluência, porque eu quero. (...) Se eu quiser, eu falo do meu jeito. Oscar

A percepção de Oscar sobre a importância de ter sido capaz de se assimilar à sociedade brasileira a ponto de falar o idioma local sem sotaque para ter suas habilidades reconhecidas está intimamente relacionada com a avaliação que Daniel, Rubén e Renato fazem sobre o tratamento diferenciado que estrangeiros recebem em situações de disputa, como no mercado de trabalho¹⁷. Todos eles percebem que os brasileiros olham com temeridade o sucesso de estrangeiros no mercado de trabalho nacional, sendo acusados de roubarem o emprego de um brasileiro. Portanto, a estratégia de Oscar de não ser identificado como estrangeiro deve ser entendida no contexto brasileiro, em que a população local se mostra resistente ao estrangeiro quando em situações de disputa, como no mercado de trabalho ou no acesso a serviços públicos, como bolsas de estudos fornecidas pelo Estado. O temor de Oscar em ser discriminado por ser estrangeiro, não é, portanto, infundado.

Além do sotaque, os peruanos também se sentem como estranhos em relação aos brasileiros quando os últimos conversam sobre assuntos do passado, como brincadeiras de infância, música famosas da adolescência, programas de TV que ficaram na memória. Simmel (2005), quando analisa sociologicamente o estrangeiro, observa que ele tem sua posição no grupo onde está definida por não ter pertencido ao mesmo desde o começo. Em outras palavras, o estrangeiro não compartilha de um passado com as pessoas do grupo. Douglas não se incomoda de ter sotaque. Ele reconhece que, pelo sotaque, ele sempre será reconhecido como estrangeiro, o que para ele não um problema. Ao contrário: ele considera que o sotaque faz parte de sua identidade, que tem como uma característica o fato de não ser brasileiro. Por isso, ele não pretende se esforçar para falar como brasileiro:

O sotaque, não faço questão de mudar. Sempre eu vou ser chamado de estrangeiro. Eu quero manter minha identidade. Eu quero falar do meu jeito! Esse é meu jeito mesmo. Tem que aceitar do jeito que eu sou. (...) Eu também não me esforço pra me tornar assim tão brasileiro. Douglas.

¹⁷ Ver capítulo 5, subitem 5.3.

Douglas não se importa em ser reconhecido como estrangeiro pelo sotaque. O que realmente o incomoda em ser estrangeiro é se sentir deslocado quando está num grupo de brasileiros e eles começam a falar sobre acontecimentos passados que todos dominam e ele não. Quando sua esposa- brasileira- e os amigos estão conversando sobre programas de TV antigos que as crianças brasileiras costumavam assistir, quando falam das músicas que ouviam na adolescência, Douglas, que é muito comunicativo, fica sem sabe o que falar:

Esposa-: de vez em quando a gente tá com uns amigos, o pessoal começa a falar de coisas velhas, programas velhos.. Programa antigo.. Esses programas de televisão.. Ou de alguns produtos daquela época...

Douglas: Todo mundo começa a rir.. e eu... eu fico por fora. Aí eu me sinto imigrante mesmo. **Me sinto fora, entendeu. Você fica deslocado.** Eu acho que nunca, uma pessoa que cresceu pelo menos até os 20 anos e viaja (...) eu acho que nunca ela vai se considerar não-imigrante. Porque você tá imigrando de um lugar pra outro, são culturas diferentes, mundos diferentes...

Para Douglas, esse desconforto em se deparar com situações em que não sabe o dizer por não ter um passado em comum compartilhado com os brasileiros se deve à sua condição do imigrante. Tendo crescido e vivido em outra sociedade, ele não consegue aprender tudo o que foi a vida dos brasileiros no passado. Douglas gosta de aprender sobre o Brasil, mas reconhece sua incapacidade de fazer parte dessa memória compartilhada, sentimento que considera inerente à sua condição de não ter nascido e crescido no Brasil. Mesmo que passe o resto da sua vida no Brasil e sempre aprenda sobre como foi a vida dos brasileiros no passado, ele acredita que nunca se sentirá completamente pertencente à sociedade brasileira.

6.1.5 (Trans)formações

Quando refletem sobre a experiência de viver no Brasil, os estudantes entrevistados concordam que ela provoca repercussões na sua subjetividade, na maneira como se percebem como indivíduos e na forma de lidar com a realidade. Para muito além da formação acadêmico-universitária, eles entendem que sua saída do Peru foi um momento marcante em suas trajetórias de vida. Renato avalia positivamente sua decisão de vir para o Brasil e percebe que tal deslocamento foi fundamental na sua formação

como indivíduo com mais autonomia e poder de decisão individual. Para ele, viver no Brasil tem se configurado como um importante processo para *madurar* (amadurecer):

Renato: ... no meu caso, o fato de me afastar da família... Eu vim com 17 anos. Depois, voltei (para o Brasil) já maior de idade, aos 18, para ficar. Então, estava numa etapa que o fato de que ter me afastado da minha família e adquirir aqui responsabilidades e tal... me fez mudar completamente minha personalidade...

Rubén: amadurecer, né?

Renato: amadurecer... completamente¹⁸.

Renato pondera que ter saído do Peru teve um peso significativo no seu processo de amadurecimento que, por sua vez, provocou uma transformação de sua personalidade. Este processo está associado não apenas com sair do país e de se afastar da sua família, mas também de assumir responsabilidades que ele não tinha no Peru. Entre elas está arcar com os custos da vida no Brasil. Ele percebe uma grande diferença entre viver no Brasil com recursos dos pais e com recursos próprios. No segundo caso, a preocupação que o estudante tem ultrapassa a dimensão educacional e atinge a esfera de garantir meios para sobreviver no Brasil, de ser capaz “*se valer por si mesmo*”¹⁹: através do trabalho, se manter no Brasil sem ajuda dos pais, numa condição próxima à do imigrante.

Assim como Renato, Luis Fernando chegou ao Rio de Janeiro com menos de 20 anos de idade para cursar a graduação. Ao longo de toda graduação, seus pais enviavam para ele uma determinada quantia para custear sua vida no Brasil, o que diferencia sua condição da de Renato. Mesmo tendo o apoio econômico dos pais, Luis Fernando percebe que a experiência de viver no Brasil e estar longe de sua família foi um marco na sua trajetória de vida, transformando radicalmente seu planos profissionais e sua autopercepção como indivíduo.

O amadurecimento ao qual Renato se refere não se limita à dimensão econômica da vida fora do Peru. Além de assumir novas responsabilidades, o que envolve trabalhar

¹⁸ Renato: ...En mi caso, el hecho de alejarse de la familia... Yo vine con 17 años, despues volvi ya mayor de edad a los 18 para quedarme, entonces estaba en una etapa que el hecho que me alejé de mi familia y adquiri aqui responsabilidades y tal, me hizo cambiar completamente, no, mi personalidad...

Rúben: madurar, no?

Renato: madurar... completamente!

¹⁹ Valerse por si mismo.

e se sustentar no Brasil sem ajuda da família, Renato também reconhece que o amadurecimento está também estritamente relacionado com a chance de ter no Brasil um maior leque de opções de vida daquelas disponíveis no Peru. E é neste ponto que as opiniões de Renato e Luiz Fernando se aproximam.

Para mim está sendo uma experiência muito boa isso, porque, o fato de se afastar da família e do seu círculo social e ver outras realidades... faz com que você conheça mais coisa, que possa pensar coisas novas, fazer coisas novas também... claro... que talvez se eu nunca tivesse saído de Cusco... Ou mesmo Lima... tem coisas muito limitadas para fazer, para estudar, para pensar como possibilidade de futuro. É muito limitado²⁰! Renato.

Assim como Renato, Luis Fernando admite que passou por profundas transformações em sua personalidade, na sua forma de lidar com as pessoas e nos seus projetos de vida ao longo dos anos em que vive no Brasil. No campo profissional, ele, que se formou em Arquitetura, hoje trabalha na área das artes cênicas. Ele se lembra que já gostava de atuar antes de vir para o Brasil, mas, influenciado pela sua família, nunca cogitou a possibilidade de seguir tal carreira no Peru. Ele se sentia na obrigação de seguir uma carreira mais tradicional, que tanto sua família quanto a sociedade aceitassem e que lhe desse mais garantias de encontrar um emprego:

Eu sempre quis ser ator. Sempre quis ser ator! Só que, assim, eu nunca ia chegar pros meus pais e dizer assim: “olha só: eu quero ser ator!” Não! Essa possibilidade não se cogitava! Porque, eu cresci num ambiente onde eu tinha que ter um diploma, eu tinha que ser alguém que a sociedade aceite: médico, advogado, arquiteto, engenheiro... Ator não! Então eu disse: ‘ah, gente, eu vou ficar discutindo?’ Eu também queria ter uma outra opção, porque eu sei que era difícil. E como eu já tinha pensando em Arquitetura, então eu pensei: vou fazer arquitetura e depois eu vejo. Aí, vou muito engraçado, porque quando eu vim pro Brasil, foi como se essa possibilidade tivesse se congelado na minha cabeça. Nunca falava no assunto, nunca pesquisei... Eu tinha esquecido. (...) Quando eu me formei, tudo veio à tona de novo! (...) Mas, depois que eu me formei, tava com meu diplominha, meio que cumpri minha missão, comecei a procurar faculdade de Teatro, alguma coisa... E aí, todo mundo ficou de boca aberta! Que ninguém sabia desse lado meu, porque eu nunca comentei com ninguém!

Depois de cumprir a expectativa da família de se formar numa carreira reconhecida socialmente, Luis Fernando se sentiu livre para investir na carreira que

²⁰ Para mi está siendo una experiencia muy buena por eso, porque, el hecho de alejarse de la familia y de tu círculo social y ver otras realidades ... Te hace con que conozcas más cosa, que pueda pensar nuevas cosas, hacer nuevas cosas también... claro.. que tal vez si yo nunca hubiera salido de Cusco, ni siquiera Lima.. tienes cosas muy limitadas, para hacer, para estudiar, para pensar como posibilidad de futuro. Es muy limitado! Renato

sempre quis seguir. Tanto para seus familiares e amigos no Peru quanto para os amigos no Rio de Janeiro, foi uma surpresa quando Luis Fernando deixou a Arquitetura pelo Teatro. Apesar de já ter feito atividades como ator amador quando ainda estava no Peru, ele nunca tinha explicitado seu desejo de seguir a carreira artística. A mudança de carreira profissional que viveu Luis Fernando se assemelha com o tema da canção de festejo "Caramba", composta por Ricardo Bartra, peruano que mora no Brasil há mais de 10 anos e que é um dos integrantes do Grupo Negro Mendes²¹. Na canção, a mãe tenta convencer o filho a deixar de ser artista para trabalhar de "terno e gravata", pois só assim ele se tornaria rico. O filho tenta seguir o conselho da mãe: veste terno e gravata e vai trabalhar. Porém, sua tentativa é em vão, porque o rapaz não consegue deixar de pensar em tocar o *cajón* enquanto está no trabalho.

CARAMBA
Ricardo Bartra

eso no da dinero, negro de la mama
eso de ser artista, caramba
es pa quien ya tiene

estudie alguna cosa que siempre requieran
en los clasificados, caramba
pa' tener con qué

ande de corbata pa volverse rico
racatuque su cajón después del trabajo
pa volverse rico, ande de corbata, caramba
ande de corbata, caramba
pa volverse rico, caramba
pa volverse rico, caramba, ande de cor...

me ahorca la corbata y el reloj 'ta lento
racatuque es lo que quiero
pa sentirme bien

tiro la corbata, no nací pa' esto, caramba
no nací pa esto, caramba
tiro la corbata, caramba
tiro la corbata, caramba
no nací pa' esto, caramba²²

²¹ Ver capítulo 2.

²² Caramba

Isso não dá dinheiro, negro da mamãe
Isso de ser artista, caramba, é pra quem já tem

Estude alguma coisa que sempre se pedir
Nos classificados, caramba
Pra ter com quê

Ande de gravata para ficar rico

Na música, a mãe aconselha o filho a estudar alguma carreira que os classificados solicitem e desencoraja-o a ser músico. Entre o "terno e gravata" e o *cajón*, a mãe prefere que seu filho opte pelos primeiros e deixe o segundo para os fins de semana. A canção, composta por um peruano que também vive no Rio de Janeiro, é muito representativa do poder de coerção que a família exerce nos jovens, do prestígio que determinadas formas de trabalho têm para as famílias e o seu desprezo por outras, o que restringe as possibilidades de trabalho que o filho poderia seguir. No entanto, esta coerção encontra seu limite no poder de ação dos jovens de decidir sobre sua carreira. Ainda que a mãe dê conselhos, no final, quem decide é o jovem. E ele opta pelo *cajón*.

Enquanto na sua trajetória profissional, Luis Fernando primeiro se formou numa carreira que seus pais e a sociedade peruana aprovavam para depois se dedicar à atuação, Alejandro e Cristiana também tentaram um curso de graduação numa carreira tradicional no Peru antes de se entregar completamente à carreira artística: o Direito. Este é o mesmo curso iniciado pelo protagonista do filme "No se lo digas a nadie" sob pressão dos pais, que querem que ele seja um profissional de sucesso. Antes de vir para o Brasil, Cristiana realizou metade do curso de Direito, inclusive na mesma universidade em que estuda o personagem do filme, a PUC-Perú. Quando ela veio estudar Artes Cênicas, ela enfrentou grandes dificuldades para receber a aceitação da sua família, o que aconteceu só depois de alguns anos em que estava no Brasil.

Quando Alejandro terminou o Ensino Médio, seu pai sugeriu que ele ingressasse na universidade. Como não havia graduação em Música no Peru, o estudante buscou outra carreira que pudesse atender às expectativas do pai. Alejandro tocava numa *peña* na Universidad de Lima, e, por isso, resolveu se candidatar à uma vaga no curso de

Batuque seu cajón depois do trabalho

Ande de gravata, caramba
Pra ficar rico, caramba
Pra ficar rico, caramba, ande de gra...

Me enforca a gravata e o relógio tá lento
Batucar é o que eu quero
Pra me sentir bem

Arranco a gravato, não nasci pra isso, caramba
Não nasci pra isso, caramba
Arranco a gravata, caramba
Arranco a gravata, caramba
Arranco a gravata, caramba
Não nasci pra isso, caramba

Direito na mesma instituição onde tocava. Alejandro tentou a prova de admissão por duas vezes, mas não foi aprovado. Ele se lembra que deixar de tocar para estudar para exame de admissão já foi muito sacrificante e o fez ter absoluta certeza de que não queria estudar outro curso a não ser Música. E assim, conseguiu convencer seu pai a apoiar seu projeto de se tornar um músico profissional com formação acadêmica na área.

Alejandro: ... quando eu tinha 17, saí da escola aí foi que meu pai falou comigo: - "vamos fazer alguma coisa?" - "Tá legal, vamos tentar". Eu tentei, mas não consegui.

Camila: O quê você tentou?

Alejandro: Tentei Direito.... Foi completamente errado... Eu tocava na *peña* da Universidade de Lima. Então, todos os amigos que eu tinha na *peña* eram advogados, estudavam Direito. Então, só por causa disso, eu postulei pra Direito pra estar na *peña* de Direito. Eu só me lembro que passei seis meses sem tocar violão, pra poder fazer o vestibular. E era horrível. Assim, eu sentia falta, perdi os calos do dedo.. Aí, fiz o exame, não entrei. Fiz o segundo vestibular... Aí estudei menos ainda... Já tocava violão.. de vez em quando fazia show. Aí, também não entrei pra nenhuma universidade.. Aí eu falei: "deixa esse ano eu tentar fazer música, ser músico". Aí que eu combinei com ele (meu pai) que ia estudar no Conservatório, pelo menos para parecer sério (risos).... Aí, comecei a trabalhar com música... e a música foi me tomando.

Alejandro tentou seguir o conselho do pai de fazer faculdade numa carreira socialmente valorizada, como o Direito. No entanto, ele não conseguiu controlar seu intenso desejo de seguir a carreira da Música. Com a seriedade como se dedicava à arte, Alejandro conseguiu convencer seu pai a apoiá-lo na decisão de ser músico. Como a canção de Ricardo Bartra, Alejandro deixou um futuro de "terno e gravata", para se dedicar- não ao *cajón*-, mas ao violão.

As transformações que Luis Fernando percebeu em si mesmo ao longo dos anos que vive no Rio de Janeiro não se limitam à mudança de carreira. Na esfera do comportamento, Luis Fernando se lembra que estranhava muito a maneira expansiva dos cariocas se comportar, principalmente na presença de pessoas que acabaram de conhecer. Sua primeira impressão era que os cariocas demonstravam um excesso de *confianza*²³, muito diferente da dinâmica de sociabilidade dos peruanos no Peru.

²³ Confianza, em castelhano, tem o sentido que intimidade assume em português, de já ter uma proximidade que permita que as pessoas se sintam à vontade umas com as outras.

6.1.6 De “*Peixe fora d'Água*” a “*carioca*”?

Quando se lembra dos seus primeiros anos no Brasil, Luis Fernando percebe grandes mudanças no seu comportamento. Ele, que era mais reservado, percebe que se tornou mais extrovertido e falante, mais parecido com os cariocas. Sua transformação fica mais evidente para ele quando está no Peru. No seu país natal, ele constata que as pessoas estranham sua maneira de falar, de gesticular e de se comportar. Este estranhamento dos peruanos ao lidar com ele deixa claro a incorporação de hábitos brasileiros na sua forma de agir e de ser. Tal incorporação é tamanha que, muitas vezes, ele se sente como um estrangeiro no seu próprio país.

Luis Fernando não é o único que, quando está no Peru, percebe que já não é um peruano igual aos que vivem no Peru. Gladys também reconhece que passou por grandes mudanças ao longo dos mais de 10 anos que vive no Brasil. Ela continua mantendo uma relação de profundo carinho pelo seu país de origem, mas muitas vezes também se sente uma estranha no Peru. Gladys analisa que existem grandes diferenças entre os peruanos que moram no Brasil e os que moram no Peru. Enquanto os primeiros tiveram na experiência migratória a chance de se abrir e conhecer outras culturas, os peruanos no Peru se mantêm fechados:

Primeiro, os peruanos que moram lá são mais fechados... não têm essa abertura mental que a gente já tem, por ter convivido com outras culturas.. Eles são mais fechados, mais conservadores... eu até sinto, às vezes, quando eu vou pra lá, as pessoas como olham... Acho que são mais preconceituosas com os peruanos que estão fora... Gladys

No caso de Gladys, o estranhamento dos peruanos com seu comportamento está também ligado à dinâmica das relações de gênero. No Peru, as expectativas de gênero prescrevem uma determinada gramática social que exige das mulheres um tipo de postura que Gladys percebe que já não compartilha por completo. Entre as exigências da gramática social das relações de gênero no Peru estaria a expectativa de que as mulheres ajam com discrição, que no espaço público sejam recatadas e reservadas. Por isso, ela sente que muitos peruanos se surpreendem quando, por exemplo, ela convida um amigo para sentar num bar para conversar com ela. Sobre como os peruanos no Peru reagem ao seu comportamento, Gladys continua:

Nossa.. eu sinto direto, direto.. Assim, por exemplo, eu chego lá, se eu encontro um amigo, eu chamo, eu converso e lá não. As meninas, por exemplo, nunca chamam

de estar incluída na sociedade brasileira e de agora, ser capaz de compreender a cultura "de vocês", ou seja, a cultura brasileira com a qual eu também estaria identificada. Como sua filha nasceu no Brasil, ela seria portadora de uma cultura brasileira que Gladys percebe que é também a sua. Gladys deixou de ser sentir como "*peixe fora d'água*" e hoje se sente como uma *carioca*.

Entre os peruanos que chegaram ao Rio de Janeiro como estudantes que decidiram continuar no Brasil depois de formados, alguns não têm nenhuma intenção de voltar a morar no Peru. Lorenzo, por exemplo, reflete que mesmo sendo peruano, sua casa agora é o Rio de Janeiro e não tem nenhum plano de deixar a cidade. Luis Fernando também sente que sua casa agora é o Rio de Janeiro e, por isso, não quer sair da cidade onde construiu sua nova vida. Para os dois jovens, o termo "casa" significa mais que o local de moradia, mas inclui a percepção de que o Rio de Janeiro é um lugar onde se sentem à vontade, familiarizados, acolhidos, integrados. Luiz Fernando pondera que ter vindo para o Rio de Janeiro com 16 anos provocou mudanças tão profundas na sua maneira de ser que ele não conseguiria voltar para o Peru, onde se sente estranho. Para ele, o país estrangeiro agora na sua vida é o Peru e não o Brasil:

Luis Fernando: Eu não conseguiria voltar! Eu não conseguiria viver lá nunca mais! Eu acho! Nunca mais! Porque, acho que eu vim tão pequeno, tão novo, tão cru, que tudo eu conheci aqui. Tudo! Tudo! Pra mim, a primeira vez foi tudo aqui. Como se eu tivesse me reeducado sozinho. Eu só trouxe a bagagem, a moral que meus pais me deram. O resto, eu fiz tudo aqui, sozinho. Então, é como se eu tivesse me criado aqui, entendeu?

Camila: Você veio criança e agora você é um adulto brasileiro...

Luis Fernando: Exatamente! Eu me criei aqui, sozinho. E eu me vejo totalmente inserido nessa sociedade. Totalmente inserido! E lá, eu me sinto estranho. Me sinto muuuito estranho! Já aconteceram coisas assim: da gente viajar ano passado e a gente foi roubado. Eu queria voltar pra minha casa! Eu queria voltar pro Rio. Eu não queria ficar lá, sem dinheiro, e quem vai me emprestar?, pra onde eu vou?, eu não tenho conta de banco... Tudo bem, meu pais tão lá, meus tios, meus avós... Mas, sabe, aqui, eu me sentia seguro. Aqui, eu podia conversar com o gerente (do banco), eu podia remanejar minha vida. Doente, se eu ficar doente, eu não posso ficar doente lá nunca! Imagina! Meu hospital tá aqui, meus médicos estão aqui! Entendeu? É muito louco isso, assim.

Grandes foram as mudanças que marcaram a transição de Luis Fernando da adolescência- no Peru- para a vida adulta- no Brasil. O estudante se sente tão integrado à sociedade brasileira a ponto de comparar este processo como ao de uma criança sendo socializada numa determinada cultura. Ele era tão novo quando veio para o Rio de Janeiro e as transformações que percebe em si são tão profundas que se sente como se

estivesse sido socializado na cultura brasileira como uma criança. Elias (1994) alerta que a mudança é uma característica inerente à relação indivíduo e sociedade. Apesar disso, a teoria sociológica tende a analisar o indivíduo como um adulto 'pronto', que já fala, anda, pensa e é capaz de se cuidar sozinho. No processo de socialização, a criança incorpora a sociedade, passa a integrá-la e se torna um dos muitos fios que se entrelaçam na rede que faz a sociedade possível. Na criança, as transformações ficam nítidas, porém os adultos continuam a passar por mudanças ao longo de toda sua vida na sua relação cotidiana com a sociedade.

Tanto Gladys como Luis Fernando narram sua experiência no Brasil como uma transformação. Assim que chegaram ao Rio de Janeiro, eles sentiam que não conseguiam entender a maneira dos brasileiros pensar e se comportar. Luis Fernando, por exemplo, chegou à cidade com a certeza de que voltaria para o Peru assim que se formasse. Ele era um exemplo de estudante que, ao contrário da grande maioria, percebia a experiência de estudar no exterior como restrita à dimensão educacional. Esta percepção fundamentou seu projeto inicial, que era ter o mínimo de contato possível com a vida fora do universidade para não criar nenhum tipo de vínculo com a cidade. Depois de se formar, logo ele voltaria para o Peru:

quando eu tava aqui no primeiro semestre, eu pensava assim: "eu não quero (..)viver nada. Eu não quero ter vivências, lembranças... Eu não quero viver nada! Eu só quero que os anos passem, estudar logo, ter o diploma, pronto! Não quero deixar amigos, Não quero ter amigo, não quero ter nada, não quero viver nada! Só quero estudar rápido e tá..." Mas isso é impossível, né! Eu não queria ter nenhum registro, nada! Nada!!! Nenhuma ligação! Eu queria botar um *pause* lá, fazer tudo rápido aqui... Mas quando eu voltar (ao Peru) , encontrar tudo igual. Luis Fernando.

Ao mesmo tempo em que queria voltar ao Peru o mais rápido possível, sem construir nenhuma relação mais profunda com o Brasil, Luis Fernando dizia a si mesmo que isso era impossível. Era impossível viver em outro país e reduzir esta experiência à obtenção de um diploma universitário. Mesmo enfrentando dificuldades para aceitar este fato a ponto de começar a se adaptar ao Brasil, Luis Fernando falava para si mesmo:

Eu me dizia: Isso é uma loucura! Isso é impossível! Eu sei que muito água vai correr nesse rio, daqui há 6 anos, muita coisa eu vou viver, vai ter muito água (pra rolar)... E foi! Eu demorei um pouquinho pra me acostumar. Mas depois, eu não lembro como foi... Mas, foi! Já foi!

Essa sensação de estranhamento que Luis Fernando e Gladys tinham diante do Brasil e dos brasileiros sofreu uma brusca mudança, a ponto dos dois se considerarem hoje como *cariocas*. Para Gladys, a transformação de um "*peixe fora d'água*" para uma *carioca* aconteceu quando sua filha nasceu no Brasil. Luis Fernando também percebe que passou por uma transformação na sua maneira como se sentir em relação ao Brasil, mas, ao contrário de Gladys, ele não atribui esta transformação a um evento específico. Luis Fernando dá a entender que, no seu caso, essa transformação aconteceu aos poucos, ao longo dos anos vividos no Brasil e, por isso, ele não consegue se lembrar exatamente como esse processo aconteceu. Apesar de ter enfrentado muita dificuldade para se adaptar ao Rio de Janeiro assim que chegou à cidade, Luis Fernando, num determinado momento de sua trajetória, percebeu que já estava acostumado com a cidade, a ponto de se sentir mais à vontade no Brasil do que no próprio Peru.

A explicação de Gladys de como deixou de se sentir estranha para se tornar parte da sociedade brasileira me fez pensar que esta poderia ser considerada uma versão nativa da "fábula do contato" que fundamenta a autoridade etnográfica e dá credibilidade ao trabalho antropológico (Clifford, 1998:42). Enquanto o antropólogo narra a produção do conhecimento antropológico a partir da sua entrada no campo como um processo em que chegou como um estranho, mas devido a um evento particular foi aceito como parte do grupo- como aconteceu com Geertz quando ele, sua esposa e os balineses fugiram juntos da polícia na briga de galos (Geertz, 1978, p. 281)-, Gladys só se sentiu integrada à sociedade brasileira depois que sua filha nasceu.

Já a comparação que Luis Fernando faz da sua adaptação à vida no Rio de Janeiro como a de uma criança que é socializada em determinada sociedade se assemelha a de muitos antropólogos, que comparam sua inserção no campo como a experiência de uma criança que, aos poucos, é ensinada a viver naquela sociedade, até o ponto de se tornar uma adulta capaz de compreender o modo de viver e pensar daquele grupo (Seeger, 1980; Da Matta, 1978). É desta mesma forma- como uma criança que cresce e se torna um adulto- que Luis Fernando se sente em relação ao Brasil. Tendo chegado ao Rio de Janeiro com 16 anos, ele considera que foi aqui que aprendeu a ser adulto, um adulto que nasceu no Peru, mas tem no Brasil seus amigos, uma nova família, seu trabalho e a sua casa.

A diferença da experiência do contato com outra sociedade ou grupos sociais para os antropólogos e para os estudantes peruanos é que, enquanto os primeiros têm um

objetivo para além de serem aceites como parte do grupo, que é a produção de um conhecimento antropológico, os estudantes têm na sua adaptação à sociedade receptora a possibilidade de construção de um arsenal de sentimentos, emoções, projetos e expectativas que lhes permitem elaborar outras formas de pertencimento e de se perceberem como sujeitos no mundo.

Além de perceberem transformações em si mesmos, no seu comportamento e personalidade, muitos estudantes também veem em seus amigos peruanos no Brasil as mudanças ocorridas a partir da experiência migratória. As transformações são percebidas principalmente entre amigos que se conhecem desde o Peru. Sofia, por exemplo, conhece Ricardo desde a graduação, quando foram colegas de turma. Sofia comenta que, no Peru, Ricardo não tinha muitos amigos, era bem tímido e calado: "um verdadeiro *nerd*", ela o define. Hoje, quem conhece Ricardo não acredita que ele tenha sido como Sofia o descreveu. Ele se tornou muito mais extrovertido e muito popular entre os peruanos no Rio de Janeiro, bem diferente de como era no Peru. Ela mesma se surpreende com a transformação pela qual o amigo passou.

Entre os estudantes entrevistados é comum refletirem sobre a sua vinda para o Brasil como um processo que transformou sua maneira de ser. Essa transformação é geralmente comentada como uma gradativa abertura da personalidade- ser mais expansivo, mais falante, mais comunicativo- a partir do contato com a sociedade carioca, marcada pela contínua interação, pela valorização da conversa e de conhecer novas pessoas. A transformação também é percebida como atingindo a dimensão do campo das possibilidades: neste caso, o Brasil é interpretado como um país que apresenta uma gama mais extensa e complexa de alternativas de vida. Esta dupla abertura se contrapõe tanto à cultura peruana, entendida como mais fechada e mais conversadora, como às possibilidades de vida disponíveis no país, analisadas como mais limitadas e menos diversas daquelas disponíveis no Brasil.

Para muitos estudantes, a dupla abertura brasileira- no jeito de se comportar e no campo de possibilidades- imprime neles marcas tão profundas que os fazem se sentir estranhos quando voltam ao Peru e, assim, eles começam a analisar que continuar no Brasil depois de formados é a decisão que mais lhe convém. Ricardo, por exemplo, quer continuar no Brasil, pois aqui ele pode se dedicar à área de pesquisa científica. No Peru, ele tem uma proposta de emprego para trabalhar numa universidade, porém, ele sabe que terá que ocupar toda sua carga horária com as aulas e não terão condições de fazer

pesquisas. Além disso, quando passa uma temporada mais prolongada no Peru, Ricardo sente saudades do Rio de Janeiro e do feijão brasileiro.

6.1.7

Transformações e as novas tecnologias

Um sentimento que os entrevistados que continuaram a morar no Rio de Janeiro depois de formados, como Luis Fernando, compartilham é o de que, enquanto são peruanos, também são parte da sociedade brasileira. Concomitantemente, eles não se sentem como iguais aos peruanos que não saíram do Peru e nem exatamente iguais aos brasileiros. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que o sentimento de pertencimento ao Peru e ao Brasil coabita, os estudantes também se percebem diferentes tanto dos peruanos quanto dos brasileiros. No entanto, isto não significa que eles deixaram de se vê como peruanos. Eles continuam se vendo e se sentindo como tais, porém transformados pela experiência migratória. Como peruanos transformados, eles se envolveram com a sociedade brasileira a ponto de se sentir integrados à ela através da experiência migratória, como acontece com Luis Fernando, Enrique, Lorenzo, Rúbén e Daniel, por exemplo. Entretanto, ser um peruano integrado à sociedade brasileira não significa se tornar um brasileiro por completo, mas manter uma visão crítica- de relativa distância- do Brasil que tem o Peru como referência.

Um aspecto importante que deve ser levado em consideração quando analisamos o caso dos estudantes que chegaram ao Rio de Janeiro até inícios da década de 2000 é a dificuldade que eles enfrentavam para se comunicar com o Peru. Os estudantes que integram a "geração de 96", por exemplo, não mantinham um frequente contato com o Peru, o que aprofundava neles a sensação de que a mobilidade estudantil significava uma espécie de ruptura com o país de origem. Guillermo, que chegou ao Rio em 1993, se comunicava com sua família e amigos no Peru por carta. Seus pais moravam na zona rural de Cajamarca e não tinham telefone. As chamadas telefônicas internacionais eram caras. O acesso à internet ainda não estava tão difundido nem no Brasil, nem no Peru. As cartas levavam cerca de um mês para chegar de um país a outro e esta era a principal maneira que ele tinha de se conectar com o Peru.

Esta é uma realidade muito diferente daqueles que vieram para o Rio de Janeiro quando o acesso à internet já está popularizado. A internet oferece um imensa gama de recursos para se comunicar com o exterior: redes sociais, emails, programas de

chamadas telefônicas a baixo custo, chamadas de vídeo. Todos eles contribuem para que os estudantes continuem mantendo contato com a família e os amigos no Peru e também os que estão em outros países do mundo, reforçando os laços de afinidade mesmo na distância. E ainda, alivia o sofrimento dos entes queridos que a distância física pode provocar. Hoje, Guillermo pode se comunicar com seus pais com mais regularidade. Eles continuam a residir no mesmo local e não tem acesso à internet. Mas agora, eles têm um celular e assim, podem se comunicar com o filho no Brasil a qualquer hora do dia.

Outro aspecto que contribui para que os peruanos mantenham o contato com seu país é a crescente oferta de vôos para o Peru com passagens baratas. A disponibilidade de vôos baratos é um elemento que encurta as distâncias entre os dois países, possibilitando que os estudantes vão ao Peru com mais frequência e que seus parentes e amigos do Peru venham visitá-los no Brasil. Guadalupe, por exemplo, menos vivendo com um orçamento limitado, economiza sua bolsa para ir ao Peru pelo menos 2 vezes ao ano. Sempre que tem férias ou um feriado mais prolongado, Rubén costuma visitar sua família em Arequipa. Assim, ele pode participar da vida social tanto dos seus amigos no Brasil quanto da sua família no Peru.

Assim, os peruanos que chegaram ao Brasil num contexto em que tinham menos recursos em manter contato com o país relatam que seus primeiros anos no Brasil como uma experiência penosa, como se estivessem passando por um ruptura que provoca profundas mudanças. Os peruanos que chegaram em meados dos anos 2000 também percebem mudanças em si na experiência de viver fora do Peru, no entanto, esta experiência não é vivida como um processo menos abrupto do que o vivido, por exemplo, pela "geração de 96". Além de virem para o Brasil mais velhos, como alunos de pós-graduação, os informantes que se enquadram neste caso tinham nos recursos de comunicação uma importante ferramenta para reforçar o sentimento de que continuam participando da vida cotidiana peruana, mesmo estando distantes. Numa das vezes que visitei a família de Leyla no Peru, ela realizou uma chamada de vídeo via *skype* para sua irmã exatamente na hora em que eu estava em sua casa. Através do celular do seu cunhado, eu e Leyla conversamos por vídeo, eu, na casa da sua irmã em Lima e ela, no seu apartamento no Rio de Janeiro²⁴.

²⁴ A internet é também um importante recurso para compartilhar elementos da cultura peruana. Entre o grupo *Sayari*, por exemplo, é muito comum que assistamos vídeos no *youtube* para elaborarmos novas coreografias. Pela internet, também compartilhamos arquivos de música e pesquisamos figurinos.

6.2

A experiência migratória e as relações de gênero

Logo nos meus primeiros encontros com peruano/as no Rio de Janeiro, era muito comum eles repetirem duas frases: “*os peruanos são muito conservadores*” e “*os peruanos são muito machistas*”. As duas afirmações eram geralmente proferidas quando o assunto girava em torno das relações afetivas e amorosas. O/as peruano/as comentam que, no seu país, existe a expectativa de que as pessoas não namorem muitos parceiros diferentes ao longo de sua vida, principalmente as mulheres. E é muito comum que um casal comece a namorar quando jovens e depois de muitos anos de namoro, fiquem noivos e se casem. Em compensação, eles analisam que no Brasil, as pessoas namoram mais e nem sempre se casam. Quando eu ouvia os peruanos e peruanas me dizendo que no Peru as pessoas são mais conservadoras, eu imaginava: as mulheres não se formam, nem trabalham; elas se casam, cuidam dos filhos e nunca se divorciam.

Para minha surpresa, muito/as peruano/as, quando me contavam sua história de vida, comentavam que sua mãe sempre trabalhou fora, às vezes tendo um salário maior do que o do pai; muitas mães e pais tinham tido filhos de outros relacionamentos e em alguns casos, não chegaram a casar com o pai ou mãe do filho anterior; muito/as dele/as têm mães com Ensino Superior que atuam na sua área de formação. Entre os estudantes, também há casos de quem têm mães que casaram cedo, deixaram de estudar e o pai ocupa o papel de provedor da família.

Como vimos no capítulo 3, a sociedade peruana é entendida como conservadora e tradicional, tendo a família como núcleo da vida social. O/as estudantes também percebem a sociedade peruana como machista ao analisar o lugar que a mulher ocupa no imaginário do país. Nele, as mulheres devem assumir o total controle do cuidado da casa e dos filhos e, por isso, é socialmente esperado que as jovens peruanas aprendam a ser boas mães e esposas. Os homens, por sua vez, assumem o papel de provedor, aquele garante a sustento econômico da família e se exime das atividades domésticas.

No Brasil, o/as estudantes percebem diferenças na maneira como homens e mulheres se relacionam, tanto no espaço público como no privado. Esta percepção abrirá a possibilidade para que ele/as repensem as expectativas de gênero construídas na sociedade peruana e, em muitos casos, construam novas possibilidades de se sentir homem ou mulher. Partindo da definição de gênero como “*qualquer construção social*

que tenha a ver com a distinção masculino/feminino” (Nicholson, 2000, p. 9), os deslocamentos internacionais e a experiência migratória não estão neutros diante das representações de gênero, que atribuem a homens e mulheres diferentes papéis, habilidades e comportamentos. O debate sobre gênero e migração tem ressaltado a participação das mulheres nos processos migratórios (Medeiros, 2004; 2010; Pereira, 2010; Blay, 2009; Curtis e Pacecca, 2010), muitas vezes esquecidas atrás da figura do homem migrante ou da mulher como mera acompanhante dos homens. Para este trabalho, considero fundamental incluir o gênero no campo de análise, pensando como ele atua na percepção do/as estudantes sobre as diferenças entre o Brasil e o Peru e a repercussão que sentem em sua identidade.

6.2.1

Dançando conforme a música: do *tondero* às relações afetivas

A primeira festa peruana em que eu estive presente foi a de celebração das *Fiestas Patrias* do ano de 2011. A festa aconteceu na Lapa, centro da cidade, e teve entre suas atrações a apresentação de danças folclóricas pelo grupo *Sayari Danzas Peruanas*. Entre as danças apresentadas pelo grupo esteve o *Tondero*. O *tondero* é um estilo de dança e música que tem suas raízes na região de Piura, na costa norte do Peru. Com influências ciganas, africanas e andinas, ele é dançado em casal, que simula o processo de sedução do galo e da galinha. Considerado um ritmo *mestizo*, o *tondero* muitas vezes é incluído no repertório de grupos que tocam música *criolla* e afroperuana, como o grupo Negro Mendes.

O *tondero* tem origens camponesas. Ele é dançado sem sapatos e durante toda dança, os dançarinos mantêm os joelhos flexionados e a parte dorsal do corpo ligeiramente inclinada para frente, simulando a proximidade que os camponeses mantêm da terra, o solo de onde tiram o sustento. A dança é composta por uma série de passos e vigorosos sapateados, combinados com um incessante movimentar do quadril, principalmente da dama. Na execução da dança, dama e cavalheiro carregam um lenço na mão direita, com o qual tocam o solo em alguns momentos da dança e que, movimentando delicadamente o punho, a dama usa para chamar a atenção do cavalheiro. Uma característica marcante da dança é que ela segue uma estrutura: o casal sempre realiza movimentos que os aproximam, mas, logo em seguida, se afasta. A dança é portanto marcada por duas dinâmicas centrais: o *coqueteo*, ou seja, a paquera, a

sedução- momento em que o casal se aproxima; e a fuga, quando os dançarinos se afastam, impedindo que a paquera se concretize na união de fato do casal. Nesta trama, será apenas no final da dança que, finalmente, os dois permanecerão juntos, demonstrando que o galo foi bem-sucedido e, finalmente, conquista a galinha (*foto no anexo 9*).

O *tondero* foi uma das primeiras danças folclóricas peruanas que eu vi ao vivo. Quando o vi pela primeira vez, me impressionei pela sua beleza, que agrega elementos rústicos-, como os pés descalços e a postura dos dançarinos, sempre agachados, e os intensos sapeteados e movimentos dos quadris-, com a leveza do movimento do lenço, da saia da dama e do chapéu do cavalheiro²⁵. Mais do que representar a vida no campo e o processo de sedução entre o galo e a galinha, o *tondero*²⁶ traz elementos importantes para uma análise das relações de gênero entre os peruanos.

Para muitos estudantes, compreender a maneira como homens e mulheres brasileiros se relacionam na dimensão amorosa e sexual é um desafio cotidiano, que exige grande esforço e uma capacidade de perceber as nuances entre os casais no Peru e no Brasil. A imagem do Rio de Janeiro como cidade do carnaval e da praia está associada à ideia de que as pessoas no Brasil são mais liberais, principalmente as mulheres. Em geral, elas são imaginadas como mais "fáceis" e mais disponíveis para ter relações afetivas e/ou sexuais sem exigir do parceiro um compromisso mais duradouro do que as peruanas.

Rubén se lembra que, quando veio para o Brasil, imaginava que, além do futebol, da praia e do carnaval, o Rio de Janeiro era uma cidade em que as mulheres seriam "fáceis". Apesar de não utilizarem o mesmo termo para se referir ao comportamento das mulheres brasileiras, outros estudantes mencionam que percebem as mulheres

²⁵ O *tondero* foi a dança que mais me estimulou a entrar no grupo Sayari Danzas Peruanas. A oportunidade que o grupo me ofereceu para aprender a dança que tanto tinha me emocionado me fez seguir os ensaios do grupo até que me tornar uma integrante. Até a presente data, apresentei o *tondero* em eventos como as duas festas em comemoração ao dia Independência do Peru que aconteceram em 2012, na celebração do Sr. de los Milagros e em shows do grupo Negro Mendes. No ano de 2013, realizei aulas de *tondero* com professores da dança no Peru, que confirmaram que o grupo Sayari me ensinou bem a dançar o *tondero*, dança que no Peru não é muito popular ou conhecida.

²⁶ Apesar do *tondero* ter sido fundamental na minha experiência de campo, ele não está entre as danças folclóricas mais famosas no Peru. Desde a década de 1960, a *marinera* é a dança folclórica que ganhou status de "dança nacional", remetendo à retomada do orgulho peruano após a derrota do Peru para o Chile na Guerra do Pacífico (Busse, 2008). Usando a dança como objeto de estudo, Ccopa (2011) realiza uma interessante análise das transformações nas relações afetivas e sexuais através do reggaeton e das festas de *perreo*, que ao contrário de danças tradicionais como a salsa e o merengue que tem o homem como o condutor da dança, são as mulheres que assumem a liderança do ritmo.

brasileiras são mais “abertas” que as peruanas: elas conversam mais, são mais simpáticas, o que facilitaria o flerte. Associada à ideia de que as mulheres brasileiras são bonitas, e que exibem seus belos corpos na praia e no carnaval, a imaginação de que as brasileiras são mais acessíveis que as peruanas alimenta em muitos estudantes a esperança de que no Rio de Janeiro eles terão mais sucesso na sua vida afetiva e sexual do que no Peru.

No entanto, no Rio de Janeiro, os estudantes percebem que se relacionar com uma brasileira apresenta uma série de desafios não-previstos anteriormente. Além do idioma, que se constitui uma barreira inicial para a comunicação com as brasileiras para aqueles que não falam Português, muitos só aqui se dão conta que homens e mulheres brasileiros apresentam formas de se relacionar diferentes das de homens e mulheres peruanos. O/as estudantes analisam que um homem e uma mulher peruanos investem mais tempo antes de decidirem se relacionar amorosa e/ou sexualmente.

No Peru, o casal se encontra algumas vezes para conversar antes de ter sua primeira relação sexual ou iniciar um namoro. Ele/as percebem que, no Brasil, o lapso de tempo entre o primeiro encontro e o primeiro beijo e/ou primeira relação sexual é exageradamente reduzido. Alguns comentam que, muitas vezes, um casal no Brasil se beija antes mesmo de saber o nome um do outro, o que ilustra um caso extremo do *ficar*. Uma amiga peruana que estuda no Rio de Janeiro relatou que se surpreendeu muito com a forma como os brasileiros abordam as mulheres. Certa noite, ela saiu para dançar e um rapaz a convidou para dançar. Durante a dança, ele tentou beijá-la, sem pedir seu consentimento. Outro rapaz veio ajudá-la, separando os dois. Este rapaz começou a dançar com ele e, igualmente ao primeiro, tentou beijá-la a todo custo.

O *ficar* é uma prática comum entre homens e mulheres brasileiros e se caracteriza pelo estabelecimento de uma relação afetiva e/ou sexual efêmera, que não ganha a formalidade de um namoro. No *ficar*, o casal se isenta das responsabilidades de um namoro, entre elas, o compromisso de manter a fidelidade ao parceiro. Na pesquisa que realizaram com estudantes latino-americanos²⁷, Alencar-Rodrigues e Strey (2010) observam entre eles uma grande surpresa ao conhecer o *ficar*. Eles comentam que em seus países o *ficar* não é uma prática rotineira. O estudante paraguaio, por exemplo, conta que ficou “apavorado” com esta prática (p.52). A entrevistada peruana, por sua

²⁷ A pesquisa se baseou em entrevistas realizadas com seis estudantes do Chile, Equador, Nicarágua, Paraguai, Peru, matriculados em cursos de graduação e pós-graduação no Rio Grande do Sul. Dentre os entrevistados, estão um homem e uma mulher peruanos.

vez, explica que as mulheres no Peru preferem namorar do que ter uma relação passageira.

Uma questão que não pode ser preterida no debate sobre o gênero é como os atores envolvidos compreendem e analisam as relações de gênero no seu país de origem e no receptor. Para os latino-americanos entrevistados pelas autoras, o *ficar*, da forma como é praticado no Brasil, é algo estranho. Alguns, principalmente os homens, se adéquam a esta prática e valorizam o fato de não ter que investir muito tempo para se relacionar com um/a parceiro/a. Entretanto, para outros estudantes- alguns poucos homens e a maioria das mulheres-, o *ficar* é uma prática negativa, em que a relação entre homem e mulher se banaliza. Mesmo quando se adaptam a esta prática, alguns homens e mulheres estrangeiros continuam a ter uma visão negativa do *ficar*, considerando as brasileiras mais "fáceis", menos confiáveis e mais volúveis que as mulheres de seus países de origem,. Augusto e Gladys descrevem a reação que tiveram quando conheceram o *ficar*: um *choque*. Para Augusto, o *ficar* representa um excesso de liberdade que homens e mulheres têm no campo das relações sexuais que compromete a construção de relacionamentos mais profundos, sólidos e duradouros. Por prezar por valores católicos, ele reprova esta prática.

Meus amigos peruanos²⁸ me explicam que a diferença entre o Brasil e o Peru não é que no Peru não exista a figura do *ficar*, ou seja, uma relação amorosa/sexual sem compromisso. A diferença entre os dois países é que mesmo uma relação aberta e mais fluída como o *ficar* leva mais tempo para se concretizar do que no Brasil. E, no Peru, as pessoas *ficam* escondidas, para que o caso não se torne público. O tipo de relação no Peru que se assemelha ao *ficar* brasileiro é o *choque y fuga*: tipo de relação afetiva e/ou sexual sem maiores compromissos. Para chegar ao *choque y fuga*, o homem toma a iniciativa de convidar a mulher para sair como tentativa de seduzi-la. Caso esteja interessada, ela aceita o convite.

Ccopa (2011) explica que a expressão *choque y fuga* remete a um tipo de acidente automobilístico em que o motorista atropela um pedestre e, ao invés de socorrer a vítima, ele foge do local do acidente. Quando se refere à relações afetivas, o *choque y fuga* significa um tipo de vínculo amoroso e sexual passageiro, que não implica que os envolvidos assumam qualquer compromisso. Ele é "*é um encontro afetivo-sexual efêmero, fugaz, momentâneo, não contínuo, que surge de maneira fortuita, casual. E*

²⁸ O tema das relações afetivas e sexuais no Brasil e no Peru não aparece a não com peruano/as com quem estabeleci uma relação de mais proximidade e *confianza*.

assim como surge, de maneira rápida, assim também se vai" (p.66)²⁹. O pressuposto deste encontro é que o casal não se envolva além da própria relação sexual e que não tenha nenhuma expectativa prospectiva. Enquanto Ccopa enfatiza o caráter efêmero do *choque y fuga*, a/os estudantes ponderam que mesmo este tipo de relação só chega a acontecer depois que o casal se encontrou algumas vezes e, por isso, se conhecem ainda que superficialmente. Raramente, o *choque y fuga* acontece entre desconhecidos, pessoas que acabaram de se conhecer. O *choque y fuga* é precedido pela sedução, quando o homem precisa usar do *floro* (p. 160): habilidade de falar coisas bonitas capazes de conquistar a mulher, que muito se aproxima *lábica*, na gíria carioca.

Outra característica das relações amorosas e/ou sexuais entre brasileiros que causa estranhamento em algum/mas os/as estudantes é a maneira como eles se aproximam quando interessados uns nos outros. Osvaldo comenta que, no Peru, o homem é sempre quem toma a iniciativa, através do *floro*. Ele reconhece que a estratégia que usava no Peru para conhecer mulheres não funcionava com as brasileiras, acostumadas com outro ritmo de aproximação. Osvaldo percebeu que, se quisesse namorar uma brasileira, ele teria que adaptar sua estratégia de paquera à cadência mais acelerada das relações brasileiras. Muitos estudantes gostariam de ter uma namorada brasileira, mas encontram uma série de dificuldades para se relacionar com elas. No caso de Osvaldo, sua tentativa de adaptação ao modo de se relacionar de brasileiros e brasileiras teve o resultado que ele esperava: ela conheceu uma brasileira com quem namorou e com quem hoje está casado.

Carolina, brasileira que tem ascendência peruana por parte de pai, numa conversa entre nós e alguns amigos peruanos em que eles ressaltavam as vantagens de se relacionar com um peruano, comentou que ela já tinha namorado um peruano. O rapaz era muito doce, carinhoso e tinha uma habilidade que despertou sua atenção: ele falava tudo o que ela queria ouvir. Porém, ele sempre fazia o que ele queria. Carolina insinuou que nem tudo o que o rapaz dizia era realmente o que ele sentia, mas sim uma forma de mantê-la seduzida para ele ter mais espaço de agir segundo suas próprias preferências. O *floro* se desenvolve no contexto peruano, pois, mesmo quando o homem e a mulher estão interessados no *choque y fuga*, o costume no Peru é que a mulher não aceite ter um contato mais íntimo com o homem no primeiro encontro, ainda que assim o queira.

²⁹ "(El choque y fuga) es un encuentro afectivo-sexual efímero, fugaz, momentáneo, no-continuo, que surge de manera fortuita, casual. Y así como surge, de manera rápida, así también se va". (Ccopa, 2011, p.66)

O/as estudantes explicam que, caso uma mulher no Peru aceite ter relações íntimas com um rapaz na primeira vez que eles se encontram, ela será alvo de severas críticas: será malvista e difamada no seu círculo de amizades e terá sua reputação comprometida. Temendo tais retaliações, as mulheres peruanas se previnem, disfarçando seu desejo e analisando com cuidado seus pretendentes até encontrar alguém em quem confie que manterá o caso em segredo e não irá difamá-la. Ccopa (2011) observa uma mudança nas relações sexuais na sociedade peruana nos últimos 20 anos, em direção à um maior liberdade. Porém, o autor reconhece que a sexualidade feminina é rigidamente controlada por instituições que reprimir o prazer e o sexo-femininos, sobretudo. Como consequência, as mulheres reagem através da vergonha e apresentam uma extrema discrição diante das relações sexuais. Para os homens, ao contrário, as aventuras amorosas e sexuais são consideradas pontos positivos que reforçam sua masculinidade:

É conhecido que o homem, ter aventuras amorosas e sexuais não é um problema, mais sim um ponto a favor. Por outro lado, a mulher, sobretudo a de antes, por mais que tivesse essas aventuras, tinha que ser discreta. Tinha que calar, ocultar para evitar a reprovação social (Ccopa, 2011, p.87)³⁰.

Para Sofia, as relações afetivas e sexuais entre o/as brasileiro/as são mais livres, sinceras e menos sujeitas ao controle da sociedade que no Peru, onde o poder de coerção social atua de maneira atroz sobre a mulher. Ela pondera que homens e mulheres no seu país têm seu comportamento amoroso e sexual fortemente influenciado pela opinião dos que estão em volta, que exercem uma ativa vigilância, sobretudo sobre a sexualidade feminina. Sofia conclui que, no Brasil, as pessoas não se preocupam tanto com o que os outros vão pensar sobre suas relações amorosas, por isso as mulheres têm mais autonomia sobre seus sentimentos e relacionamentos. Como no Peru todos se preocupam com a avaliação que a sociedade fará de suas decisões no campo das relações amorosas e sexuais, as pessoas dissimulam suas reais intenções.

No entanto, ao mesmo tempo em que reconhecem que no Brasil há mais liberdade na esfera da afetividade e da sexualidade e que isso é positivo, algum/mas estudantes analisam que tamanha liberdade faz com que os relacionamentos amorosos com

³⁰ Es conocido que para el hombre tener aventuras amorosas y sexuales no es un problema, más bien es un punto a favor. En cambio, la mujer, sobre todo la de antes, por más que tuviera esas aventuras, tenía que ser discreta. Tenía que callar, ocultar para evitar la condena social (Ccopa, 2011, p.87).

brasileiros tendam a ser mais efêmeros, se aproximando da percepção de Augusto. Como, no Brasil, a qualquer momento um homem ou uma mulher pode se interessar por outra pessoa e ela corresponder publicamente, a sensação que algum/mas estudantes têm é que uma traição é sempre iminente num relacionamento com um/a brasileiro/a. Sendo mais livres e sofrendo menos vigilância da sociedade, os/as brasileiras/os poderiam dar vazão aos impulsos sexuais de maneira mais irrefletida que o/as peruano/as. Em outras palavras, a pressão que a sociedade peruana exerce sobre o comportamento sexual dos indivíduos faria com que eles controlassem seus impulsos, o que teria uma consequência que alguns avaliam como positiva: temendo a sanção social, os indivíduos se manteriam mais fiéis ao compromisso que assumiu com o/a namorado/a.

Assim como o futebol foi importante para que eu compreendesse a dinâmica dos diferentes grupos que compõem a comunidade peruana no Rio de Janeiro, o *tondero* trouxe elementos preciosos que me ajudaram a compreender as relações de gênero no campo da afetividade e da sexualidade entre os/as estudantes peruano/as. Composto por uma sucessiva sequência de passos em que os dançarinos se afastam e se aproximam, o *tondero* demonstra o processo de sedução que culmina com a conquista da galinha pelo galo, concretizado apenas no final da dança. Como metáfora das relações de gênero, o *tondero* ilustra a maneira como homens e mulheres peruanos se comportam até chegar a estabelecer uma relação afetiva e/ou sexual.

A partir da representação das relações afetivas e sexuais entre peruanos, o/as estudantes analisam que o processo de sedução no Peru, mesmo quando ambos estão interessados, não se concretiza até que o homem convença a mulher de que é confiável e que não vai difamá-la. É a mulher quem toma a decisão final na dinâmica do *coqueteo*, que, segundo Ccopa (2011), "é um jogo de poder feminino, cujo atrativo está na sua ambivalência, em que o sim e o não estão presentes no mesmo movimento" (p.55)³¹.

Assim como no *tondero*, a sedução - o *coqueteo*- só tem seu desfecho depois de uma sequência- não de passos-, mas de encontros e conversas. Antes da sedução culminar na conquista, a mulher se reveza entre corresponder à paquera, participando do processo de sedução, e manter uma distância que garanta a preservação de sua reputação. No entanto, nas relações afetivas, nem sempre o desfecho do *coqueteo* e a

³¹ La coquetería es un juego de poder femenino, cuyo atractivo está en su ambivalencia, en donde el sí y el no están presentes en el mismo movimiento (Ccopa, 2011, p.55).

fuga é a conquista. Na realidade, muitas vezes, mesmo quando não está interessada, a mulher não deixa sua posição clara para o homem: ela alimenta a paquera até um dia que se recusa a continuar se encontrando com o pretendente. Guadalupe observa que é comum que as mulheres peruanas não deixem claro como se sentem numa relação, muito diferente das brasileiras, que falam diretamente para seus parceiros seus interesses e intenções.

Assim como o *tondero* não é uma dança praticada entre os brasileiros, o/as estudantes peruano/as descobrem no Brasil que a dinâmica das relações afetivas e sexuais não segue a mesma cadência que no seu país de origem. Aqui, eles encontram um cenário no qual a mulher muitas vezes inicia o processo de sedução e as pessoas investem menos tempo até decidirem se relacionar afetiva e/ou sexualmente umas com outras. Ao mesmo tempo em que estar longe do Peru significa encontrar uma oportunidade para se afastar das pressões que a sociedade peruana exerce sobre a sexualidade e a afetividade dos jovens, estar no Brasil exige deles uma capacidade de se adaptar a maneira como homens e mulheres brasileiros interagem e se relacionam, principalmente para aquele/as que gostariam de ter um relacionamento com alguém da sociedade local. E é neste processo de adaptação que os/as estudantes poderão encontrar meios para *dançar conforme a música* que rege as relações afetivas e sexuais no Brasil.

6.2.2

As relações de gênero como uma experiência comparativa

Para peruanos e peruanas, homens e mulheres no Brasil são mais liberais nos seus relacionamentos afetivos. As mulheres brasileiras são representadas como mais bonitas, simpáticas e abertas que as peruanas por muitos estudantes. Estes preferem se relacionar com brasileiras, por considerá-las mais atraentes e também mais acessíveis que suas compatriotas. Além da simpatia e da beleza, a mulher brasileira também é representada como mais sensual e sedutora, imagem comum não apenas no Peru, mas também em outros países.

Rezende (2009) mostra que a brasileira é representada em diferentes países da Europa e da América do Norte como uma mulher sensual. Esta representação repercute na maneira como as estudantes brasileiras de doutorado são vistas e tratadas no exterior, gerando nelas um grande desconforto. Elas não se veem assim, por isso, se surpreendem que a sociedade receptora as vejam e as tratem como mulheres sensuais. Em conversa

com o namorado de uma estudante peruana que é de origem italiana, ele comentou que seus amigos da Itália imaginam que o Rio de Janeiro é um verdadeiro paraíso, com sol o ano inteiro, praias deslumbrantes e lindas mulheres. Essa é a vida que eles imaginam que o amigo tem, agora que deixou sua pequena cidade na Itália para morar no Rio de Janeiro: que ele passa o dia inteiro na praia, cercado por lindas mulheres de biquíni.

Assim como os estudantes peruanos, os estudantes moçambicanos também preferem namorar brasileiras por considerá-las mais bonitas, abertas, simpáticas e receptivas- elas aceitam mais facilmente *ficar* ou namorar- que as moçambicanas ou as africanas de outras nacionalidades. As estudantes moçambicanas, ao contrário, preferem namorar um moçambicano ou um homem de outro país africano, evitando os brasileiros. Para elas, os brasileiros são “malandros”, não levam o relacionamento a sério e também são agressivos. Elas criticam a prática do *ficar* e optam por relacionamentos mais duradouros e estáveis, construídos a partir de uma amizade (Subuhana, 2005).

Assim como as moçambicanas, as estudantes cabo-verdianas também preferem se relacionar com seus compatriotas (Hirsch, 2007). Elas consideram mais fácil se relacionar com alguém que compartilha da mesma cultura. Uma delas conta que prefere os cabo-verdianos porque os brasileiros “*não prestam*”, “*o brasileiro é muito chiclete*” e quer “*passar 24 horas juntos*” (Hirsch, 2007, p. 127). Já os cabo-verdianos não restringem seus relacionamentos às mulheres da mesma nacionalidade. Eles repreendem as cabo-verdianas quando elas assumem relacionamentos com homens de outras nacionalidades, porém o mesmo não acontece quando são eles os que se envolvem com mulheres não-cabo-verdianas. As cabo-verdianas, entretanto, não gostam que seus conterrâneos namorem mulheres brasileiras. Uma estudante reclama que os cabo-verdianos são *roubados* pelas brasileiras (p. 126). Hirsch pontua que a estudante entende os relacionamentos de homens cabo-verdianos com mulheres brasileiras como um problema da mulher brasileira, que astutamente *rouba* os homens da comunidade, e não como uma opção dos cabo-verdianos, que preferem as brasileiras (p.127).

Apesar da questão de gênero e sua atuação no campo da afetividade não ser o tema central desta pesquisa, ela tangencia a experiência migratória do/as estudantes e, por isso, se tornou um importante tema de conversa durante o trabalho de campo. No roteiro de entrevista, não há questões sobre como o/as estudantes percebem a maneira de agir e pensar de homens e mulheres no Brasil e no Peru, porém, este era um assunto recorrente na vida cotidiana. Algun/mas estudantes com quem desenvolvi uma relação

de mais *confianza* me pediam conselhos sobre como se comportar com o/as pretendentes brasileiro/as. Além disso, o fato de eu ser uma jovem casada contribuiu para que muito/as peruano/as me identificassem como mais próxima da representação de mulher peruana- como uma mulher mais reservada, que casa na juventude- do que de brasileira- uma mulher liberal, que adia o casamento para viver livremente sua sexualidade.

De uma maneira geral, o/as estudantes concordam que o/as brasileiro/as são mais diretos nas suas relações afetivas: eles deixam claro quando estão interessados e quando não. Para muitos, esta é uma qualidade que pesa na hora de escolher um/a parceiro/a. Gabriela se difere muito da representação de peruana que o/as estudantes afirmam ser a difundida no Peru. Ela tem sempre posições firmes, ela é segura de si e sempre muito franca. Sem rodeios, ela sempre deixa explícito o que ela pensa. Quando conversamos sobre o comportamento de um amigo peruano nosso, que não revelava publicamente seu namoro, ela comentou que chegou a namorar um peruano no Rio de Janeiro. Entretanto, ela achou estranho que mesmo depois de estarem juntos há alguns meses, ele não assumia o relacionamento. Cansada de esperar, ela desistiu do rapaz. Assim como Gabriela se cansou do namorado peruano, Matias, peruano que cursa o doutorado na PUC-RJ, de maneira mais radical, se diz cansado do modo de ser das peruanas e das hispano-americanas, em geral. Ele explica que elas fazem o rapaz esperar meses- só saindo e conversando-, até darem uma resposta se querem ou não namorá-lo. Ele diz preferir mais “o jeito” das brasileiras, principalmente a beleza, a simpatia e a sinceridade. Por isso, ele só quer namorar brasileiras e nem cogita a possibilidade de namorar uma peruana no Rio de Janeiro.

Enquanto muitos estudantes demonstram grande entusiasmo com a ideia de namorar uma brasileira, entre as mulheres, namorar um brasileiro é uma possibilidade que elas não descartam, mas também não se constitui uma meta a ser alcançada. Para as estudantes que participaram da pesquisa que hoje têm namorados brasileiros, o relacionamento surgiu de uma maneira gradativa, inesperada e não deliberada. Os estudantes peruanos se demonstram muito mais dispostos a se esforçarem para namorar uma mulher brasileira que as peruanas em namorar um homem brasileiro. Entre os estudantes, o interesse pelas brasileira é reforçado pela curiosidade que muitos têm em se relacionar com uma estrangeira.

O maior interesse dos peruanos em namorar uma brasileira do que as peruanas em namorar um brasileiro pode se relacionar a outro fator, de ordem objetiva. Entre os

estudantes no Rio de Janeiro há uma predominância de homens. Na minha assídua participação nos eventos peruanos, a presença de estudantes peruanas era sempre significativamente menor que a de peruanos. Enquanto Matias têm as brasileiras como suas únicas pretendentes, outros estudantes não têm preferência de nacionalidade quando escolhem suas parceiras. Renato, por exemplo, comenta que não tem preferência por brasileiras ou peruanas, mas como conhece poucas peruanas no Rio de Janeiro que estejam na sua faixa etária, ele reconhece ter mais chances de se relacionar com brasileiras. Rubén concorda com o amigo. Para os dois, namorar uma brasileira é mais um fenômeno contingente do que deliberado. Brasileiras e peruanas não são as únicas mulheres com quem os estudantes se relacionam. Alguns estudantes que conheci já se namoraram outras hispano-americanas, como argentinas, panamenhas e colombianas. Ricardo é o único estudante que tem uma declarada preferência por se relacionar com peruanas.

A beleza atribuída à mulher brasileira está associada a determinados atributos físicos valorizados na sociedade peruana como marcas de feminilidade, como um corpo com quadril largo, pouca gordura acumulada na região abdominal e com curvas sinuosas³² delimitadas por uma cintura fina. Entre os aspectos físicos que pesam na opção pela mulher brasileira em detrimento da peruana está a questão da raça. Guadalupe afirma que, como o Peru é um país ainda segregado racialmente³³, as mulheres brancas³⁴ no Peru das classes altas não se relacionam com homens *mestizos* das classes médias e baixas.

A estudante explica que a segregação no Peru é tamanha que lá, uma menina branca nem cumprimenta um rapaz *mestizo*. Quando ela vê seus colegas da PUC-RJ, ela percebe neles uma grande empolgação quando as brasileiras brancas, suas colegas de universidade, conversam com eles. No Peru, uma moça com as mesmas características físicas nunca dirigia a palavra a grande parte deles, analisa. Guadalupe nota que, como a PUC-RJ é uma universidade de elite, as brasileiras que estudam lá são *patricinhas*: elas são brancas, pertencentes à classe média alta carioca. Apesar da convivência na universidade, as *patricinhas* evitam relacionar-se com os peruanos fora do espaço

³² Ver capítulo 3.

³³ Ver capítulo 3.

³⁴ Douglas já namorou uma brasileira negra e teve receio que sua família a discriminasse. Eles nunca chegaram a ir ao Peru juntos, mas quando sua irmã veio ao Brasil visitá-lo, eles se deram bem. Ele conta que se surpreendeu com sua irmã, que no Peru demonstrava ter atitudes racistas. O único comentário que Douglas mencionando a questão da raça foi de uma tia, que disse para ele, em tom jocoso: “*cuidado con la negrita!*”

universitário. Por isso, Guadalupe observa que são raros os casais formados entre estudantes peruanos e suas colegas brasileiras, mesmo esse sendo o desejo de seus conterrâneos. O que ela observa é que os muitos peruanos namoram brasileiras que, mesmo quando brancas, são de classe mais baixas, como as moradoras do Parque da Cidade.

As brasileiras cujos namorados ou maridos são do Peru comentam que os peruanos são muito mais carinhosos que os brasileiros. Eles dão mais atenção à mulher, são mais românticos e corteses. Felizes com seus namorados peruanos, as brasileiras inclusive recomendam às suas amigas que experimentem namorar um peruano. A reputação do homem peruano como mais afetuoso e envolvente que o brasileiro não está restrita aos círculos de relações das brasileiras, suas amigas e namorados, mas também ecoa na internet. Na rede social *orkut*, são inúmeros os comentários de brasileiras que declaram seu interesse por peruanos. Um exemplo é a comunidade “BRASILEIRAS(OS) & PERUANOS(AS)”, aberta por um peruano interessado em conhecer histórias de brasileiras que se interessam por peruanos e vice-versa. Num dos fóruns de discussão, o moderador do grupo lança a pergunta: “*o que vocês pensam dos peruanos em geral?*”. As brasileiras respondem³⁵:

Os peruanos são muitos amáveis, muito carinhosos, atenciosos, educados, são muito diferentes da maioria do homens brasileiros, pois sabem dar valor a uma mulher!!!
Internauta 1.

os peruanos são tdo d boooooommmmm!!!!!!!e mais um pouco!!! nada a ver com brasileiros,os peruanos sim sabem ser homens d verdade!! Internauta 2.

PERUANOS.....
AMOOOOOOOOOOOOOOOOOO.....
A melhor experiência da minha vida, estar a cada dia do lado de um Peruano!!!
Internauta 3.

Apesar das repostas positivas, uma brasileira entra na discussão e diz que ao contrário das outras, ela não teve uma experiência bem sucedida com um peruano. Algumas brasileiras, antes de se relacionarem com seus atuais companheiros peruanos, já haviam namorado outro peruano. Mesmo o relacionamento anterior não tendo perdurado, elas avaliaram positivamente a experiência de ter namorado um peruano.

³⁵<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?tid=5337099084158505514&cmm=62530437&hl=pt-BR>

Satisfeitas com sua atual situação afetiva, elas recomendam que às suas amigas solteiras que sigam seu exemplo e namorem peruanos.

6.2.3

Velho/a pra casar?: mobilidade estudantil e gênero

Outro aspecto em que o gênero tangencia a experiência migratória do/as estudantes peruano/as no Rio de Janeiro, dentre muitos, é a sua relação com a vida conjugal. Como já afirmamos anteriormente, o perfil que predomina entre os estudantes é de jovens, homens e solteiros. Em conversa com um grupo de estudantes de pós-graduação da PUC-RJ- três homens e duas mulheres-, quando eles souberam que eu era casada, me perguntaram com quantos anos as pessoas no Brasil costumam casar. Aproveitei a pergunta para devolvê-la, interrogando como era no Peru. Eles me disseram que lá é comum as pessoas casarem por volta dos 25 anos. Quem passa desta idade é considerado velho/a para casar. Eu então atendia às expectativas peruanas, pois me casei exatamente aos 25 anos!

A fala dos jovens explicita que o casamento é uma expectativa que a sociedade peruana inclui no campo de possibilidades dos indivíduos, que devem se casar antes que completem 30 anos. Todos os cinco jovens eram solteiros e com mais de 30 anos, ou seja, já estariam *velhos pra casar*. Assim como eles, a grande maioria do/as estudantes de pós-graduação também se enquadra neste perfil. A decisão de sair do Peru para estudar pode, então, estar relacionada não apenas com questões educacionais e profissionais, mas também com o estado civil do/as estudantes e sua inserção na vida familiar. Como solteiro/as, com idade superior à idade média em que se espera casar e sem filhos, ele/as seriam mais autônomos para deixar o mercado de trabalho peruano com o objetivo de estudar no exterior. Por não s casados ou ter filhos, eles não estariam sujeitos às responsabilidades socialmente atribuídas aos maridos e esposas, pais e mães. E também, no exterior, eles poderiam viver numa sociedade em que não são cobrados a casar e ter filhos.

Solange chegou ao Rio de Janeiro com 40 anos, é solteira, nunca casou e não tem filhos. Ela diz que os homens peruanos são muito machistas e muitas de suas amigas peruanas estudaram, terminaram a faculdade, mas acabaram casando, tendo filhos e renunciando a carreira em nome da família. Ela conta que é isto que se espera de uma mulher do Peru. Como ela não concorda com esta expectativa, ela tem planos de

se dedicar à carreira, não casar e não ter filhos. Para ela, sair do Peru é uma alternativa para se afastar das expectativas de gênero que poderiam colocar em risco os planos que fez para si mesma e sua carreira.

Assim como Solange, Lorenzo reconhece que na sociedade peruana há a expectativa de que as pessoas se casem, com reconhecimento civil e religioso. Ele comenta que, como uma sociedade que valoriza os laços familiares, no Peru são muito malvistas os casais que vivem juntos sem casar. E geralmente, um casal começa a namorar, namora por voltar de 5 anos, noiva por 2 e só depois se casa. Assim era quando ele saiu do Peru, há mais de 10 anos. Lorenzo reconhece que tais expectativas podem ter mudado ao longo da década que vive no Brasil. O/as estudantes que saíram do Peru anos mais tarde que Lorenzo indicam que as expectativas em torno do casamento formalmente reconhecido continuam a ter um peso na vida e nas decisões do/as jovens peruano/as. Sofia, por exemplo, se incomoda quando reencontra suas amigas de graduação e, a grande maioria já casadas e com filhos, olha para ela com pena por ela continuar solteira, como se isso fosse uma infelicidade.

Além de influenciar a maneira como os indivíduos compreendem as relações afetivas, as representações de gênero também influenciam a relação entre estudo, trabalho e o significado da mobilidade para homens e mulheres. Os estudantes latino-americanos entrevistados por Alencar-Rodrigues e Strey (2010), por exemplo, consideram que a mulher brasileira se interessa mais pela carreira, pelo trabalho e pela formação que a mulher peruana, por exemplo. O entrevistado peruano conta que mesmo quando as peruanas fazem faculdade, elas terminam se tornando donas de casa, assumindo o cuidado da casa e dos filhos (p.51), como pontuou Solange. Subuhana (2005) observa que as mulheres moçambicanas são as que mais expressam como um dos motivos que pesou na decisão de estudar no exterior foi adquirir autonomia e liberdade em relação aos pais e à família. No Brasil, elas preferem morar sozinhas, valorizando a privacidade e o poder de decisão sobre como gerir a casa. Provavelmente, no país de origem, elas são as que sentem mais o controle da sociedade sobre seu comportamento.

Se por um lado, morar sem os pais é valorizado, assumir todas as responsabilidades domésticas é considerado penoso e desgastante. Uma das estudantes entrevistadas por Subuhana afirma que o que ela mais sente falta de Moçambique é o conforto que tinha na casa dos pais. No Brasil, ela precisa estudar e ainda lavar sua roupa, cozinhar e limpar a casa. Esta mesma estudante conta que quando está em

Moçambique se sente presa, porque não pode sair sem a permissão dos pais. Os estudantes guineenses e cabo-verdianos egressos de universidades brasileiras e que voltaram para seus países também estranham quando precisam voltar a viver sob a tutela dos pais (Mourão, 2011a).

Uma vez que o gênero é uma categoria elementar para todas as sociedades- não há sociedades que não estabeleçam definições de masculino e feminino, homem e mulher-, seu poder não está circunscrito às fronteiras nacionais e, em muitos casos, ele atua impulsionando ou limitando as alternativas de cruzar as fronteiras e de se mover pelo mundo. Pessar e Mahler (2001) defendem que os estudos gênero associado ao estudos dos movimentos migratórios têm muito a contribuir para uma reavaliação da circulação de pessoas pelo globo, ao examinar como as relações de gênero facilitam ou constroem a imigração de homens e mulheres. As autoras explicam que o gênero opera simultaneamente em múltiplas escalas espaciais e sociais, como o corpo, a família e o Estado, através de domínios transnacionais. Além disso, o gênero está fundamentado numa hierarquia entre os sexos, dando significado às relações de poder (Scott, 1991).

No caso do/as estudantes peruano/as, estamos nos referindo a um tipo de deslocamento específico: qualificado, ele é amparado por mecanismos jurídicos. A participação de mulheres peruanas na mobilidade estudantil se dá num contexto de crescente aumento do número de mulheres peruanas que vão para o exterior. Segundo estimativas, entre 1994 a 2010, dos 1 milhão e 558 mil peruanos que emigraram, 50,6% eram mulheres e 49,4% homens. No ano de 2010, estimava-se que 53,4% dos emigrantes eram mulheres e (INEI et al., 2012). A expressiva ampliação das mulheres peruanas nos fluxos de emigração tem ocorrido principalmente através de sua inserção em redes de trabalho doméstico em países do hemisfério norte, na Argentina, no Chile e mais recentemente no Brasil (Alman, 2009; Courtis e Pacecca, 2010; Escrivá, 2000; Holper e Nuñez, 2005, Dutra, 2012), assumindo a posição de protagonistas no movimento migratório. Em muitos casos, elas são as primeiras a migrar para, mais tarde, trazer outros membros da família e da comunidade (Alvites, 2011).

As estudantes peruanas não apenas se diferem deste fluxo pela sua qualificação, mas também porque o tipo de mobilidade de empreende tem como foco principal a experiência individual, como estudante e profissional, e não familiar, como no caso das emigrantes. Um número significativo das emigrantes são mulheres casadas e com filhos que identificaram na emigração uma alternativa de prover o sustento e o cuidado da família, estendendo os laços familiares para além das fronteiras nacionais (Busse,

2011). Já as jovens peruanas vêm para o Rio de Janeiro solteira e sem filho, imbuídas de um projeto individual. Elas estão inseridas em áreas de conhecimento nas quais predominam homens, como as Engenharias e a Física³⁶ e sair do país é a chance que identificaram para desbravar novos campos de atuação dentro da sua formação.

Mesmo quando compartilham da mesma nacionalidade, homens e mulheres podem ter percepções diferentes sobre a experiência migratória, encontrarem chances distintas para se deslocar internacionalmente ou se inserir na sociedade receptora, como mostra a pesquisa de Kitahara (2005) com casais imigrantes nipo-brasileiros no Japão. As mulheres, muito mais que os homens, avaliam positivamente a decisão de imigrar para o Japão. No Brasil, elas viviam em comunidades rurais sob valores tradicionais, onde a mulher assume toda a responsabilidade com o trabalho doméstico; no Japão elas ingressam no mercado de trabalho remunerado, o que consideram uma liberação diante da vida que possuíam na colônia japonesa no Brasil. Para elas, trabalhar como *dekasseguis* é uma oportunidade de ter uma renda própria e se afastar das cobranças do marido, do sogro e da sogra. Já os homens se sentem incomodados com a flexibilização dos valores cultivados nas colônias japonesas no Brasil no contexto migratório. Enquanto os homens demonstram o desejo de retornar ao Brasil por sentirem-se menosprezados no país de seus antepassados, as mulheres não querem, porque no Japão elas podem participar de esferas da vida pública, como o trabalho.

Pessar e Mahler (2001) mostram que o gênero atua não apenas no nível das relações intersubjetivas, mas também no nível das instituições que lidam com a migração e a mobilidade dos indivíduos. Um exemplo disso é o caso dos solicitantes de asilo da Indonésia nos EUA. Enquanto as mulheres conseguem ter seu pedido de asilo aprovado sob a justificativa de ter sofrido violência sexual, os homens indonésios que apresentam a mesma justificativa têm seu pedido negado. Neste caso, a ideia que subjaz à aprovação do pedido de asilo das mulheres e não e dos homens é de que as mulheres são as únicas sujeitas a se tornarem vítimas desse tipo de violência, possivelmente porque seriam mais frágeis e vulneráveis que os homens.

Ao longo do trabalho de campo, observei que sempre havia uma grande maioria de homens nos eventos públicos que o/as estudantes costumam frequentar. Seria precipitado afirmar que esta observação se deve ao fato de haver mais homens que mulheres peruanas estudando no Rio de Janeiro. A única afirmação que posso fazer

³⁶ Uma reflexão sobre a feminização da matrícula no Ensino Superior e a distribuição de homens e mulheres entre as áreas de conhecimento ver Garavito (2005).

sobre esta observação é que há mais homens que mulheres ocupando os espaços públicos de sociabilidade organizado pelos próprios peruanos. De todas as maneiras, o/as estudantes avaliam que, na sociedade peruana, as pessoas tratam igual um homem e uma mulher que saem do país para estudar. Leonardo, por exemplo, pondera que as mulheres que saem do país são vistas como “corajosas” e “aventureiras”:

(As mulheres) não são malvistas não.. *Para nada!* Mas, se tem essa ideia de que se um homem vai para fora, não vai ter muito problema. Mas, se uma mulher vai para estudar ou trabalhar fora, vai ter muito problema porque não... porque o homem pode se virar de qualquer forma e a mulher não. Mais ou menos temos essa ideia. Mas, não é malvista não. É vista corajosa. Aventureira... Leonardo

Se, por um lado, “corajosa” e “aventureira” carregam uma conotação positiva, nestes adjetivos subjaz a ideia de que sair do país é uma atividade arriscada. Uma mulher que sai do país não tem sua reputação ameaçada, porém alguns estudantes creem que para uma mulher é mais difícil estar longe do Peru que para um homem. Eduardo, por exemplo, avalia que esta dificuldade é devido às necessidades que a mulher tem de se preocupar com sua proteção. Os homens podem “*dormir em qualquer lugar, em barraca*”, por exemplo, mas as mulheres não. Elas, então, encontrariam mais dificuldades para “*se virar*”, se adaptar a uma nova realidade. Walter concorda com Eduardo e considera que as peruanas têm mais dificuldade de se adaptar à cultura brasileira: do que ele observa entre as peruanas que conhece no Rio de Janeiro, elas quase não interagem com brasileiros, são mais reservadas e sentem muita saudade de casa.

Uma experiência marcante que deixou clara uma representação coletiva da mulher como alguém que precisa de proteção quando se desloca vivi na viagem mais recente que fiz ao Peru, em maio de 2013. Desta vez, passei 16 dias no Peru, sete deles viajando sozinha pelas Serras Sul e Central do país. Por todos os lugares que passei, as pessoas-homens e mulheres-, se surpreendiam com o fato de eu viajar sozinha. A surpresa era maior ainda quando eu comentava que seguiria viagem por uma área ainda pouco explorada turisticamente, como Andahuaylas e Ayacucho (local onde nasceu o movimento Sendero Luminoso) e quando eu mencionava as viagens que fiz ao Peru com meu marido. “*Você está viajando sozinha? É casada? Seu marido deixou?*” ou “*você não tem medo de viajar sozinha?*” foram as perguntas que mais ouvi durante as longas horas que passei nas estradas peruanas.

Se a sociedade peruana reconhece como positiva a experiência migratória das mulheres, elas não devem ir a qualquer lugar, de qualquer jeito. O que Eduardo fala e minha experiência no Peru reforçou é que as mulheres podem sim viajar, mas devem se preocupar com uma gama maior de questões: sua viagem deve ser mais planejada e calculada para que seja o menos arriscada possível. A ideia por trás dessa lógica é de que as mulheres seriam mais vulneráveis, e por isso precisariam de uma maior estrutura de acolhida por onde ela passa. Entretanto, esta não é uma representação unânime entre os peruanos. Luis Fernando, por exemplo, não percebe nenhuma diferença entre o homem e a mulher que saem do Peru. Para ele, ambos encontrarão dificuldades que precisarão superar, opinião compartilhada por Gladys.

Assim, compreendendo a identidade como construída na relação entre sujeito e sociedade, numa conexão entre o “interior” e o “exterior” (Hall, 2002), a experiência de sair do Peru para estudar no Brasil permite que os estudantes elaborem formas de sentir-se peruano/a que associem elementos peruanos, mas também brasileiros. Na aproximação com a sociedade receptora, o/as estudantes encontram um terreno fértil no qual podem desenvolver mais autonomia da família e assumir responsabilidades. Enquanto o estudante se forma- academicamente-, ele se transforma como indivíduo que, a partir de determinadas condições, tomam decisões sobre seu presente e planejam o futuro. Uma vez que “... a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada” (Hall, 2002, p. 16), o/as estudantes têm no trânsito propiciado pela mobilidade estudantil e pela internacionalização da educação o lugar privilegiado através do qual se inserem no mundo como indivíduos, profissionais, homens e mulheres que rejeitam prescrição de um destino limitado e buscam alternativas mais amplas de vida.

A saída dos estudantes de um país e a entrada em outro deixa latente que diferentes sociedades desenvolvem diferentes maneiras de dar sentido aos indivíduos. Quando saem do Peru para o Brasil, os estudantes se deparam com o fato de que precisam aprender a se posicionar na sociedade brasileira e, assim, integrar-se a ela. Como um principiante, ele terá que aprender as regras do jogo que regem as relações sociais no Brasil, para então, poder participar dela. Este processo de aprender as regras e participar do jogo, através da socialização, exige necessariamente a capacidade de adaptar-se e mudar- de um peruano no Peru, para um peruano no Brasil. Sem dúvidas, não existe apenas uma maneira de considerar-se peruano, seja no Peru ou no Brasil. No entanto, todas as mais distintas formas de sê-lo são permeadas pela inevitável e

irreversível capacidade humana de estar em constante mudança, se fazendo indivíduo a partir da relação com a sociedade, neste caso, brasileira e peruana.